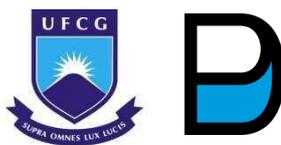


# Significados e apropriações dos objetos no Centro Histórico de Campina Grande – PB





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIDADE ACADÊMICA DE DESIGN  
MESTRADO ACADÊMICO EM  
DESIGN**

**MÔNICA PIRES DA SILVA**

**SIGNIFICADOS E APROPRIAÇÕES DOS OBJETOS NO CENTRO  
HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE – PB**

Campina Grande – PB

2025

**MÔNICA PIRES DA SILVA**

**SIGNIFICADOS E APROPRIAÇÕES DOS OBJETOS NO CENTRO  
HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE – PB**

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento as exigências para obtenção do título de Mestre em Design da Universidade Federal de Campina Grande.

**Linha de Pesquisa:** Informação, comunicação e cultura.

**Orientador:** Prof. Ph.D. Wellington Gomes de Medeiros

Campina Grande, PB

2025

S586s Silva, Mônica Pires da.  
Significados e apropriações dos objetos no Centro Histórico de Campina Grande–PB / Mônica Pires da Silva. – Campina Grande, 2025.  
181 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2025.  
“Orientação: Prof. Dr. Wellington Gomes de Medeiros”.

Referências.

1. Design de Produtos. 2. Objetos – Apropriações e Significados.  
3. Informação, Comunicação e Cultura. I. Medeiros, Wellington Gomes de. II. Título.

UFCG/BC

CDU 7.05(043.3)

MÔNICA PIRES DA SILVA

## SIGNIFICADOS E APROPRIAÇÕES DOS OBJETOS NO CENTRO HISTÓRICO DE CÂMPINA GRANDE – PB

Dissertação de Mestrado apresentada em cumprimento as exigências para obtenção do título de Mestre em Design da Universidade Federal de Campina Grande, Área de Concentração Design de Produtos, defendida e aprovada em 23 de abril de 2025 pela Banca Examinadora.

Documento assinado digitalmente  
 WELLINGTON GOMES DE MEDEIROS  
Data: 09/06/2025 16:39:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Orientador: Prof. Ph.D. Wellington Gomes de Medeiros

UFCG

Documento assinado digitalmente  
 NATHALIE BARROS DA MOTA SILVEIRA  
Data: 09/06/2025 17:16:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Membro Interno: Prof. Dra. Nathalie Barros da Mota Silveira

UFCG

Assinado por: **Antônio Bernardo Mendes de Seiza da Providência Santarém**  
Num. de Identificação: 07324933  
Data: 2025.06.10 23:19:03 +0200

---

Membro Externo: Prof. Dr. Bernardo Providência

UMINHO

Campina Grande, PB

2025

## RESUMO

O trabalho teve como objetivo identificar e classificar as ressignificações que se instauram por meio das apropriações das pessoas com os objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande (PB). Esta pesquisa é classificada como básica, fenomenológica e exploratória, sendo dividida em cinco etapas. Primeiramente ocorreu o levantamento de dados, seguido das observações desses dados, que foi de onde surgiram os questionamentos que viriam aprofundar e direcionar a análise. Na sequência, os dados foram classificados em quatro categorias (deslocamento, adaptação, extensão e desvio) e comentados. A seguir, na estrutura da análise, os dados foram classificados utilizando perspectivas distintas, como macro, de Akrich (1998), e detalhada, de Suri (2005). Por fim, nos resultados, a classificação “deslocamento”, possui maior incidência de apropriações, sendo elas com o menor nível de planejamento. Em “adaptação” e “extensão”, estão as apropriações que trabalham no meio urbano. Enquanto no “desvio”, são observadas apropriações de objetos sem uso ou que estão no fim do ciclo de vida útil. Os resultados da pesquisa contribuíram para a compreensão das apropriações dos objetos no espaço urbano, podendo ter aplicações de cunho teórico e prático, ou seja, oferecendo subsídios para desenvolvimento ou melhoria de produtos que atendam as pessoas que realizam atividades de diversos tipos em espaço urbano.

**Palavras-chave:** Apropriações. Objetos. Significados.

## ABSTRACT

The study aimed to identify and classify the resignifications that were established by people's appropriation of objects found in Campina Grande's Historical Centre, in the state of Paraíba. This study is categorized as basic, phenomenological, and exploratory research, and it is organized into five distinct stages. First, the collection of data was completed, followed by the observation of said data, in which provided questions that would guide and deepen the analysis. The data was subsequently classified into four categories (displacement, adaptation, extension and deviation) and commented on. Next, in the analysis structure, the data was organized using different perspectives, such as a macro approach, based on Akrich (1998), and a detail-oriented approach, by Suri (2005). Finally, in the results, the "displacement" category had the highest incidence of appropriations, characterized by the lowest planning level. In the "adaptation" and "extension" categories it was revealed appropriations that actively function in urban environment, while in "deviation", appropriations of unused objects or those that are at the end of their useful life cycle are observed. The research results contributed to the understanding of the appropriations of objects in urban space, and may have theoretical and practical applications, that is, offering subsidies for the development or improvement of products that serve people who conduct different types of activities in urban spaces.

**Keywords:** Appropriations. Objects. Meanings.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Luminária com peças de e-scooter.....	33
Figura 2: Caracterização da pesquisa. ....	63
Figura 3: Etapas da coleta e análise dos dados. ....	65
Figura 4: Localização do Centro Histórico de Campina Grande.....	68
Figura 5: Praça da Bandeira e Agência dos Correios – Década de 50.....	69
Figura 6: Agência dos Correios. ....	70
Figura 7: Mapa de delimitação do Centro Histórico de Campina Grande.....	71
Figura 8: Mapa de marcos visuais e pontos nodais.....	72
Figura 9: Praça da Bandeira.....	72
Figura 10: Arca Catedral.....	72
Figura 11: Ruas onde ocorreu o estudo. ....	73
Figura 12: Mapa viário. ....	74
Figura 13: Mapa de uso do solo urbano. ....	75
Figura 14: Mapa comportamental e de vestígios.....	76
Figura 15: Bicicletas em placa de sinalização urbana. ....	77
Figura 16: Moto estacionada e anúncios. ....	77
Figura 17: Registros fotográficos.....	80
Figura 18: Panfleto na maçaneta.....	81
Figura 19: Cadeira acorrentada a peças. ....	82
Figura 20: Expondo de produtos em fachadas. ....	82
Figura 21: Poste apropriado. ....	83
Figura 22: Preços da banca.....	84
Figura 23: Gradil como expositor.....	84
Figura 24: Múltiplos deslocamentos e uma adaptação.....	85
Figura 25: Entregas de encomendas.....	86
Figura 26: Cadeira de plástico.....	86
Figura 27: Lazer e serviço no Calçadão. ....	87
Figura 28: Bancos e senhores.....	87
Figura 29: De transportador para mesa.....	88
Figura 30: Dupla proteção. ....	88
Figura 31: Publicidade.....	89
Figura 32: Acorrentados. ....	89

Figura 33: Barraca.....	90
Figura 34: Adições no carrinho.....	90
Figura 35: Deslocamento, adaptação e extensão.....	91
Figura 36: Carrinho modificado.....	91
Figura 37: A placa da placa.....	92
Figura 38: Atenção no piso.....	92
Figura 39: Janela quebrada.....	93
Figura 40: Deslocamento, Adaptação, Extensão e Desvio.....	93
Figura 41: Sinalização de estacionamento.....	94
Figura 42: Antigo carrinho.....	95

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cinco elementos dos conteúdos das imagens das cidades.....	22
Quadro 2: Categorias dos objetos. ....	25
Quadro 3: Tipos de funções dos produtos.....	26
Quadro 4: Tipo de relações entre usuário e produto. ....	28
Quadro 5: Tipos de coerções. ....	30
Quadro 6: Deslocamento.....	37
Quadro 7: Adaptação.....	38
Quadro 8: Extensão.....	38
Quadro 9: Desvio.....	39
Quadro 10: Reagir. ....	40
Quadro 11: Responder. ....	44
Quadro 12: Associar.....	47
Quadro 13: Explorar. ....	49
Quadro 14: Adaptar. ....	52
Quadro 15: Conformar.....	55
Quadro 16: Sinalizar.....	58
Quadro 17: Ferramentas para estudar a vida pública.....	65

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ECEL	Espaço Cultural, Esportivo e de Lazer
ELP	Espaço Livre Público
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAEP	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
PMCG	Prefeitura Municipal de Campina Grande
SEPLAN	Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência
STTP	Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I – Considerações Iniciais.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Introdução .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>16</b>
1.2.1 Objetivo Geral.....	16
1.2.2 Objetivos Específicos.....	16
<b>1.3 Justificativa .....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 Delimitação da pesquisa .....</b>	<b>17</b>
<b>1.5 Estrutura da Dissertação .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 O espaço e a vida urbana.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 Objetos do cotidiano .....</b>	<b>24</b>
2.2.1 Funções e usos dos objetos .....	26
2.2.2 Propriedades dos objetos que permitem diferentes usos .....	29
<b>2.3 Significados e apropriações .....</b>	<b>32</b>
2.3.1 Usuários como vetores de inovação.....	36
<b>2.3.1.1 Classificação Akrich.....</b>	<b>36</b>
2.3.1.1.1 Deslocamento.....	37
2.3.1.1.2 Adaptação .....	38
2.3.1.1.3 Extensão .....	38
2.3.1.1.4 Desvio .....	39
<b>2.3.1.2 Classificação por Suri .....</b>	<b>39</b>
2.3.1.2.1 Reagir.....	40
2.3.1.2.2 Responder.....	43
2.3.1.2.3 Associar.....	46
2.3.1.2.4 Explorar .....	49
2.3.1.2.5 Adaptar.....	52
2.3.1.2.6 Conformar .....	54
2.3.1.2.7 Sinalizar.....	58

<b>2.3.1.3 Conclusão das classificações .....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO III – MÉTODO E TÉCNICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>63</b>
<b>3.2 Detalhamento do método, das técnicas e dos materiais .....</b>	<b>64</b>
<b>3.3 Perfil do espaço da pesquisa.....</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>80</b>
<b>4.1 Deslocamento .....</b>	<b>81</b>
<b>4.2 Adaptação.....</b>	<b>86</b>
<b>4.3 Extensão.....</b>	<b>89</b>
<b>4.4 Desvio .....</b>	<b>92</b>
<b>CAPÍTULO V – CONCLUSÃO .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE – CRONOGRAMA .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE – DESLOCAMENTO .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE – ADAPTAÇÃO .....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE – EXTENSÃO.....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE – DESVIO.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO – CLASSIFICAÇÃO POR SURI (2005).....</b>	<b>166</b>

# Considerações Iniciais

## **CAPÍTULO I – Considerações Iniciais**

O presente capítulo é o ponto inicial da pesquisa, apresentando elementos para sua compreensão e delimitação. Está dividido em itens de introdução, questão da pesquisa, hipóteses, objetivos, justificativa, delimitação da pesquisa e estrutura da dissertação.

### **1.1 Introdução**

Todas as pessoas possuem uma ideia intuitiva de que os objetos desempenham funções; uma faca é utilizada para cortar, um lápis para escrever ou desenhar. Contudo, quando os objetos são mais complexos, como um computador, torna-se mais complicado definir especificamente a sua utilidade, mesmo assim, ainda existe uma noção implícita do seu uso “correto” (Kasper, 2005, p. 1).

Mesmo que a maioria dos objetos sejam concebidos para usos específicos, às vezes surgem desvios na interpretação das intenções originais do/da designer. A identidade de um produto pode ser questionada ou completamente modificada pela capacidade humana de adaptar objetos para propósitos diferentes daqueles inicialmente concebidos. Embora o propósito principal de uma cadeira seja proporcionar um assento, ela pode ser empregada para sustentar papéis, livros, pendurar roupas, manter portas abertas ou servir como suporte para atividades como trocar uma lâmpada. Em geral, as funções adicionais muitas vezes complementam ou aprimoram a intenção original, mesmo que isso não seja uma regra absoluta (Heskett, 2008, p. 54).

Designers desempenham o papel de agentes no processo de criação de produtos e serviços, assumindo responsabilidade pelo desenvolvimento de parâmetros de projetos, ao perceber todas as oportunidades e potenciais significativos, por meio da exploração e avaliação do comportamento humano não intencional. A análise desse fenômeno consegue resultar em impactos positivos na concepção de produtos e em outras disciplinas (Hassan et al., 2022, p. 5). Algumas empresas utilizam dessa adaptação como algo positivo, se não tiverem certeza do que fazer com uma nova tecnologia ou produto, podem lançá-lo no mercado para estimular a experimentação e descobrir possíveis aplicações pelos usuários (Heskett, 2008, p. 59–60).

Segundo Bomfim et al. (2018, p. 69–70), o processo de apropriação do espaço mostra que esse ambiente físico é palco para ações e atribuições de significados, tornando-o uma extensão da subjetividade das pessoas, dando sentido à existência e impactando a evolução humana. O homem pode interferir nos processos evolutivos da espécie por meio de transformações sociais.

A cidade de Campina Grande carrega uma rica herança histórica, expressa em seu Centro Histórico, que registra transformações ao longo do tempo. Um espaço carregado de significados e objetos, exibindo o desenvolvimento e mudanças urbanas e arquitetônicas, sendo ocupado e apropriado de diversas maneiras pelos seus habitantes. Para Cardoso (2016, p. 37–38), os tempos mudam e com ele, os significados das coisas, mesmo aqueles significados que parecem imutáveis. Em algum momento, todo artefato tem seu significado modificado com a passagem do tempo.

### *Questão de pesquisa*

Considerando as informações anteriores, a pesquisa propõe a investigar a seguinte questão:

- Quais ressignificações se instauram quando as pessoas se apropriam de objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande?

### *Hipóteses*

A formulação de hipóteses auxilia na orientação e condução da pesquisa, compreendendo o contexto a ser trabalhado e suas especificidades.

### *Hipótese da pesquisa*

- Ocorrem ressignificações de objetos por meio das apropriações das pessoas.

### *Hipótese nula*

- Não ocorrem ressignificações de objetos por meio das apropriações das pessoas.

## **1.2 Objetivos**

Este item consiste na descrição dos objetivos gerais e específicos que norteiam a presente pesquisa.

### 1.2.1 Objetivo Geral

- Identificar e classificar as ressignificações que se instauram por meio das apropriações das pessoas com os objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande – PB.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- i. Identificar as características do Centro Histórico de Campina Grande – PB por meio dos fatores urbanos e dos objetos que o compõem;
- ii. Identificar as apropriações dos objetos presentes naquele espaço urbano;
- iii. Classificar as interações que instauram ressignificações, resultantes das ações e de seus vestígios nos objetos.

## **1.3 Justificativa**

A justificativa da pesquisa se apoia na contribuição para a ampliação do conhecimento acerca do comportamento do usuário no meio urbano para aplicação na concepção de projetos, que estão entre nas áreas do Design de Produto e da Arquitetura e Urbanismo. A discussão sobre as potencialidades e as necessidades de projetos de design para o meio urbano poderá contribuir para a melhoria dos espaços através de ideias para concepção de produtos provenientes do estudo da interação

do usuário com os objetos no espaço urbano. O entendimento dessa demanda também pode contribuir positivamente para estabelecer normas e programas de necessidades para gestores e responsáveis pelas criações desses locais.

Lugares que atendam às necessidades dos seus ocupantes, aumentam a atividade das pessoas no local e a sensação de pertencimento, podendo diminuir questões que envolvam sinais físicos de rejeições e falta de ordem por parte da população. O planejamento prévio adequado da composição do espaço e de seus elementos, tem o potencial de otimizar o projeto e o seu investimento. Portanto, o fomento de diálogos que tangenciam essas áreas pode ter impacto positivo no aspecto econômico e social com base no planejamento adequado para uso e aceitação das pessoas aos espaços e seus elementos.

#### **1.4 Delimitação da pesquisa**

Quanto à delimitação da pesquisa, o objeto de estudo é a ressignificação dos objetos por meio das interações das pessoas com objetos naturais e não naturais. O recorte espacial é composto por um conjunto de ruas com usos e ocupações voltadas para o comércio e o serviço no Centro Histórico da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. Por meio de observações prévias, foi constatado que as ruas classificadas com essas tipologias, apresentam maior número de pessoas e variedade de atividades no meio urbano. O foco da pesquisa é estudar e classificar as ressignificações que são provenientes de interações pessoa-objeto. Portanto, é esperado que o espaço escolhido proporcione dados suficientes para atender a todas as classificações. O espaço de estudo possui grande atividade nos turnos da manhã e da tarde, porém existe inatividade comercial e de serviços à noite. Por motivos de segurança, e atendendo às necessidades das investigações, as observações ocorreram durante os momentos de lotação do local.

#### **1.5 Estrutura da Dissertação**

Este trabalho está dividido em cinco capítulos:

Capítulo I – Considerações Iniciais: apresenta a questão da pesquisa, hipóteses, objetivo geral e específicos, justificativa, delimitação da pesquisa e estrutura da dissertação.

Capítulo II – Referencial Teórico: descreve a base teórica, abordando os seguintes assuntos:

- i. O espaço e a vida urbana – apresentação sobre termos e conteúdos relacionados à temática do espaço urbano e às atividades das pessoas;
- ii. Objetos do cotidiano – explicações e definições acerca de objetos e produtos do dia a dia;
- iii. Significados e apropriações – conceitos sobre apropriações e significações dos objetos.

Capítulo III – Métodos e Técnicas: apresenta as características do trabalho, perfil do local, os métodos utilizados na pesquisa, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados.

Capítulo IV – Resultados e Discussões: aqui são exibidos e discutidos os resultados obtidos com a análise realizada.

Capítulo V – Conclusões: contém as considerações finais sobre o estudo realizado, apresentando também recomendações para estudos futuros.

# Referencial Teórico

## CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica, que auxiliou na compreensão e definição do problema e metodologia da pesquisa. O primeiro eixo é apresentado como *O espaço e a vida urbana*, o segundo eixo é o item *Objetos do cotidiano* e o terceiro eixo foca no indivíduo, sendo o item *Significados e apropriações*.

### 2.1 O espaço e a vida urbana

O desenho de uma cidade é uma arte temporal, pois como obra arquitetônica, é uma construção de grande escala no espaço, podendo apenas ser percebida após longos períodos (Lynch, 1997, p. 1). Para Corrêa (1989, p. 7), a formação do espaço urbano ocorre em quatro momentos.

O primeiro momento de sua apreensão no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo de conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano que aparece assim como espaço fragmentado (Corrêa, 1989, p. 7).

O espaço urbano é fragmentando e articulado por meio de fluxos de veículos e pessoas, relações espaciais entre cada uma das partes, mesmo que essas interações sejam de intensidade irregular. Ocorrem atividades, processos e usos compartilhados entre diversas partes da cidade, sendo esse o “segundo momento de apreensão” que define o espaço urbano (Corrêa, 1989, p. 7–8).

O terceiro momento é apresentado como o reflexo da sociedade. A cidade capitalista tem o seu espaço dividido em áreas residenciais segregadas, sendo uma reprodução da estrutura social de classes e também um reflexo, contido por vestígios, das ações realizadas por pessoas do presente e do passado. A sociedade é dinâmica e o espaço é mutável, gerando assim uma capacidade de mudança complexa. (Corrêa, 1989, p. 8).

Como quarto momento temos que o espaço da cidade é um condicionante da sociedade, por meio das obras exercidas pelos homens e formas espaciais, reproduzindo as condições e relações de produção. O autor apresenta como exemplo, a existência de estabelecimentos industriais próximos que realizam vendas entre si, gerando vantagens de estarem juntos e possibilitando a continuidade de ambos (Corrêa, 1989, p. 8–9).

Em “A Imagem da Cidade”, Lynch (1997) sugere um conceito no qual as cidades são percebidas e interpretadas pelas pessoas por meio de elementos visuais e mentais que geram uma imagem sobre a cidade. As imagens ambientais as orientam pelo espaço urbano, derivada de sensações imediatas dos cidadãos e também da lembrança de experiências passadas. O autor estabelece que cada habitante tem diversas associações com alguma parte da cidade, cada um desses, possui imagens impregnadas de lembranças e significados (Lynch, 1997, p. 1–4). Considerando as distintas imagens dos habitantes, Corrêa (1989, p. 9) afirma que o espaço urbano possui uma dimensão simbólica variável entre os grupos que o ocupam. Essa dimensão simbólica existe por meio da reprodução de crenças e valores apresentados espacialmente como monumentos e espaços especiais.

A imagem ambiental é composta por três partes, a identidade, estrutura e significado; aqui estando separadas para compreensão, mas sempre aparecem juntas. Para a existência de uma imagem viável, é necessária a identificação de um objeto, possibilitando o reconhecimento como uma entidade separável das demais coisas, gerando assim a identidade, demonstrando a individualidade ou não igualdade. A segunda parte é a estrutura, onde a “imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos” (Lynch, 1997, p. 9). O objeto deve conter algum significado para quem o observa, seja prático ou emocional. Esse significado é considerado também uma relação, mesmo que distinta da relação espacial ou paradigmática (Lynch, 1997, p. 9).

O conteúdo das imagens das cidades é composto pelas formas físicas, classificadas por Lynch como cinco tipos de elementos: as vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Os cinco tipos de elementos que compõem os conteúdos das imagens não existem isoladamente. Acontece regulamente a “sobreposição e interpenetração” (Lynch, 1997, p. 54).

Quadro 1: Cinco elementos dos conteúdos das imagens das cidades.

Elementos	Descrição
Vias	As vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem [...].
Limites	Os limites são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. [...] Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram [...].
Bairros	Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles "penetra" mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. [...] Até certo ponto, muitos estruturam sua cidade dessa maneira, com diferenças individuais em suas respostas a quais são os elementos dominantes, as vias ou os bairros. Isso não parece depender apenas do indivíduo, mas também da cidade.
Pontos nodais	Os pontos nodais são pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura para outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada. [...] De qualquer maneira, alguns pontos nodais podem ser encontrados em praticamente qualquer imagem, e em certos casos podem ser o traço dominante.
Marcos	Os marcos são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. [...] Alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais. [...] Outros

marcos são basicamente locais, sendo visíveis apenas em lugares restritos e a partir de uma certa proximidade. [...] São geralmente usados como indicadores de identidade, ou até de estrutura, e parecem tornar-se mais confiáveis à medida que um trajeto vai ficando cada vez mais conhecido.

Fonte: Lynch (1997, p. 51–53).

As formas devem ser utilizadas para reforçar os significados, que influenciam a imaginabilidade da cidade. Esses significados podem ser sociais de uma área ou referentes à sua função, história e ao seu nome. Além de reforçar os significados, as formas necessitam ser descompromissadas e adaptáveis às percepções e aos objetivos de seus cidadãos (Lynch, 1997, p. 51;101).

Os habitantes utilizam o espaço, atribuindo funções por meio das atividades exercidas neles. As atividades realizadas em ambientes urbanos são divididas em três categorias: as necessárias, as opcionais e as sociais, cada uma delas demandam distintas do entorno físico. As atividades necessárias são aquelas mais ou menos obrigatórias, como ir ao trabalho e esperar o transporte público. São geralmente tarefas do dia a dia, para as quais o ambiente físico tem pouca influência, visto que são realizadas em quase todas as condições. As opcionais são as que ocorrem por meio do desejo de realizar aquela atividade, onde as condicionantes físicas do espaço têm interferência por serem propícias ou não para a realização agradável dessas atividades no ambiente externo (Gehl, 2009, p. 17–19 tradução nossa)<sup>1</sup>.

A qualidade física do espaço tem influência direta na intensidade e na quantidade de atividades que seus habitantes irão exercer, quando de pouca qualidade, apenas haverá atividades necessárias. Contudo, quando os espaços são de boa qualidade, as necessárias se mantêm mais ou menos na mesma frequência e tendem a ser mais demoradas. As atividades sociais são as que dependem da presença de pessoas no ambiente, como jogos e conversas (Gehl, 2009, p. 18–19

---

<sup>1</sup> “Las actividades necesarias incluyen las que son más o menos obligatorias (ir al colegio o al trabajo, salir de compras, esperar el autobús o a una persona, hacer recados o repartir el correo), en otras palabras, todas las actividades en las que las personas implicadas están más o menos obligadas a participar” (Gehl, 2009, p. 17).

“Las actividades opcionales – es decir, aquéllas en las que se participa si existe el deseo de hacerlo o si lo permiten el tiempo y el lugar – son otra cuestión” (Gehl, 2009, p. 17).

tradução nossa)<sup>2</sup>. Lefebvre (2001, p. 22) explica que a vida urbana é constituída de “encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos [...] dos modos de viver” e dos demais “padrões” encontrados pela Cidade.

Com o aumento da qualidade física do espaço urbano, aumenta também a quantidade de pessoas em ambientes externos nas nossas cidades. Segundo Gehl, onde houver pessoas e atividades, mais pessoas se sentirão atraídas. “As pessoas se sentem atraídas pelas pessoas”(Gehl, 2009, p. 31 tradução nossa), assim, cria-se um clima para que novas atividades possam acontecer perto das que já estão acontecendo.

Uma dessas situações de atração é apresentada pelo autor por meio dos mobiliários urbanos, que, de acordo com a ABNT (2020, p. 5), são objetos existentes em vias e espaços públicos, sendo elementos de urbanização ou de edificação. Retomando a perspectiva de Gehl, a atratividade de pessoas no espaço pode ser interferida pelo posicionamento dos bancos, aqueles que permitem uma boa visão das atividades que ocorrem ao redor, são mais utilizados que aqueles que têm pouca ou nenhuma visão (Gehl, 2009, p. 35 tradução nossa). Ao ser realizado um projeto de mobiliário urbano com diversas possibilidades de uso, tem-se como resultado objetos urbanos mais interessantes que possibilitam maior variedade de uso do espaço da cidade na totalidade (Gehl, 2009, p. 176 tradução nossa).

## **2.2 Objetos do cotidiano**

Observando o dia a dia, é notória a coexistência das pessoas com os objetos. As comprovações de fatos e ações que ocorreram podem ser verificadas nos vestígios deixados pelas pessoas. Alguns objetos existem por fruto da natureza, outros são criados por pessoas para um determinado objetivo. Conforme Löbach (2001, p. 26–27), tudo que vive possui necessidades, elas são notadas durante situações de tensão, sendo resultados da sensação de alguma deficiência que precisa ser sanada.

Opondo-se às necessidades, segundo o autor, existem as aspirações que não são provenientes de deficiências, mas de uma espontaneidade derivada de ideias, podendo ser satisfeitas por meio dos objetos. Para compreender os tipos de objetos,

---

<sup>2</sup> “Las actividades sociales son todas las que dependen de la presencia de otras personas en los espacios públicos” (Gehl, 2009, p. 20).

Löbach distingue-os em quatro categorias: objetos naturais, objetos modificados da natureza, objetos artísticos e objetos de uso.

Quadro 2: Categorias dos objetos.

<b>Categoria</b>	<b>Definição</b>
Objetos naturais	O próprio homem é parte integrante da natureza e pode adotar diversas posturas frente a ela. Uma delas consiste em manter-se passivo, sem modificar ou exercer nenhuma influência. [...] A segunda possibilidade de conduta diante a natureza foi posta em prática pelo homem na antiguidade: a intervenção ativa, a modificação da natureza para satisfazer as necessidades humanas.
Objetos modificados da natureza	Durante o processo de transformação da natureza em objetos de uso ou no uso direto de produtos naturais, é comum surgirem objetos cuja importância não havia sido observada pelo homem.
Objetos artísticos	Sua característica reside no fato de transmitirem uma informação que é percebida instantaneamente em sua totalidade. Mediante a adição de elementos estéticos, como forma, cor, material, superfície etc. ao objeto artístico, se dá ao observador um conteúdo representativo, isto é, global, ao conjunto. [...] O conteúdo então é determinado pelos elementos estéticos, que exercem um certo efeito na percepção do observador.
Objetos de uso	Ideias materializadas com a finalidade de eliminar as tensões provocadas pelas necessidades. A eliminação das tensões ocorre durante o processo de uso, quando o usuário desfruta das funções do objeto.

Fonte: Löbach (2001, p. 34–36).

De forma geral, para Heskett (2008, p. 47), o termo *objeto* é aplicado na descrição de artefatos tridimensionais encontrados no cotidiano, como “casa, espaços públicos, ambientes de trabalho, escolas, espaços de lazer e meios de transporte”. Contudo, Cardoso (2016, p. 47) explica que “uma montanha, uma pedra ou uma árvore são objetos, mas não artefatos”. O autor conceitua o artefato como um objeto que deriva da ação humana sobre a matéria-prima, visando sanar determinadas necessidades de várias pessoas por meio da produção em maior escala.

Considerando o Quadro 2 e os autores anteriores, é possível adotar o termo objeto<sup>3</sup> para tudo que é físico ao redor de uma pessoa; e artefato para os objetos desenvolvidos ou manipulados pelo homem. Löbach (2001, p. 31) também adota o termo *produto* para os artefatos, ao dizer que o designer industrial representa os interesses dos usuários ao desenvolvê-los para atender à satisfação de determinadas necessidades.

### 2.2.1 Funções e usos dos objetos

Ao projetar produtos, o designer designa funções ao produto, sendo a principal sempre acompanhada por outras secundárias, que nem sempre são percebidas. As funções são pontos importantes na relação dos usuários com os produtos, sendo reparadas no processo de utilização e satisfação de necessidades (Löbach, 2001, p. 54–55). Considerando que cada produto carrega um conjunto distinto de funções, o autor as tipifica em prática, estética e simbólica.

Quadro 3: Tipos de funções dos produtos.

<b>Categoria</b>	<b>Definição</b>
Funções práticas	São funções práticas de produtos todos os aspectos fisiológicos do uso. [...] Por meio das funções práticas de uma cadeira se satisfazem as necessidades fisiológicas do usuário, facilitando ao corpo assumir uma posição para prevenir o cansaço físico. O objetivo principal do desenvolvimento de produtos é criar as funções práticas adequadas para que mediante seu uso possam satisfazer as necessidades físicas.
Função estética	A função estética é a relação entre um produto e um usuário no nível dos processos sensoriais. [...] A função estética dos produtos é um aspecto psicológico da percepção sensorial durante o seu uso. [...] Toda aparência material do ambiente, percebido através dos sentidos, é acompanhada de sua função estética. Ela está atrelada à configuração do objeto, à aparência do produto industrial.

<sup>3</sup> A literatura utilizada para este trabalho, apresenta em maior parte os termos artefato e produto ao tratar sobre o conceito de uso. Contudo, é importante evidenciar que um objeto, mesmo que natural, pode ser utilizado sem manipulação da forma por uma pessoa, como uma pedra ao ser usada para sentar, sendo esse o termo adotado para esse trabalho.

## Função simbólica

Um objeto tem função simbólica quando a espiritualidade do homem é estimulada pela percepção deste objeto, ao estabelecer ligações com suas experiências e sensações anteriores. [...] A função simbólica dos produtos é determinada por todos os aspectos espirituais, psíquicos e sociais do uso. A função simbólica dos produtos possibilita ao homem, por meio de sua capacidade espiritual, fazer associações com as experiências passadas. A função simbólica deriva dos aspectos estéticos do produto. A função simbólica de produtos industriais só será efetiva se for baseada na aparência percebida sensorialmente e na capacidade mental da associação de ideias.

Fonte: Löbach (2001, p. 58–65).

Como apresentado, o conceito de função é utilizado para compreender o “papel” do produto e também para servir de parâmetro na execução de novos artefatos. Heskett (2008) apresenta que a função é aplicada como composição do objeto, por meio da afirmação do arquiteto Louis Sullivan em 1896:

É a lei disseminada de todas as coisas orgânicas ou inorgânicas, de todas as coisas físicas ou metafísicas, de todas as coisas humanas ou sobre-humanas, de todas as manifestações da mente, do coração ou da alma, que a vida é reconhecível em sua expressão, que a forma sempre segue a função. Essa é a lei (Heskett, 2008, p. 33).

A ideia de Sullivan gerou o pressuposto de que “*a forma segue a função*” adotada pelo design, onde a composição do produto e o seu futuro uso, devem se apresentar na forma do artefato. Em consequência de tais afirmações e suas modificações com o decorrer do tempo, a palavra função se tornou polêmica no início do século XX, por ter várias ideias associadas ao “funcionalismo” (Heskett, 2008, p. 33–34). Todavia, a ideia de função sobreviveu ao declínio do funcionalismo e continua sendo utilizada no design, para identificar a natureza utilitária dos produtos (Kasper, 2007, p. 5).

Os autores Manzini e Vezzoli (2002, p. 110–111), dividem o uso em duas grandes categorias, os bens de consumo (monouso) e duráveis (multiuso). Os bens de consumo são os consumidos pelo uso, como a comida e detergente, e também aqueles que podem ser reutilizados, reciclados ou substituídos, como embalagens e

jornais. Os bens duráveis são aqueles que precisam de poucos recursos para seu uso e sua manutenção.

Contudo, Löbach (2001, p. 41) contrapõe ao afirmar que todos os produtos industriais são bens de consumo, diferenciando-os pelo tipo e grupo de uso (Quadro 4). O autor argumenta que, em dado momento, o produto se torna propriedade de alguém, é utilizado e depois descartado, saindo assim do ciclo de consumo.

Quadro 4: Tipo de relações entre usuário e produto.

<b>Categoria</b>	<b>Definição</b>
Produtos de consumo	O consumo como fenômeno se distingue do uso como fenômeno pelo fato de o produto - ao ser consumido - deixar de existir.
Produtos de uso 1: produtos para uso individual	Já se sabe que os produtos de uso em algum momento também se extinguem, isto é, tornam-se inutilizáveis. Este período de tempo é, na maioria das vezes, suficientemente longo para se estabelecer uma ligação pessoal entre o usuário e o produto. Somente ao final do ciclo de uso se chega à extinção do produto.
Produtos de uso 2: produtos para uso de determinados grupos	Produtos que serão utilizados por um pequeno grupo de pessoas que se conhecem umas às outras, a propriedade se amplia a várias pessoas. As relações entre produto e usuário não são tão intensas quanto no caso do produto de uso individual exclusivo. Elas se relaxam ainda mais quando se trata de produtos utilizados por grupos maiores de usuários que não se conhecem uns aos outros. Como exemplo citaremos as instalações públicas que são utilizadas com certa irresponsabilidade.
Produtos de uso 3: produtos para uso indireto	Os produtos industriais que permanecem ocultos, que não são utilizados diretamente pelos consumidores. São os produtos ou instalações de nosso mundo complexo com os quais os indivíduos geralmente não possuem relação direta.

Fonte: Löbach (2001, p. 46–52).

Dentro desse ciclo de consumo, os produtos podem demandar atividades de reparo e manutenção para seu devido funcionamento. Ele continuará a ser utilizado enquanto não houver uma pessoa para eliminá-lo. Até a obliteração dos produtos, pode ocorrer a reutilização do objeto ou de suas partes anteriormente descartadas (Manzini; Vezzoli, 2002, p. 96;201).

Conforme Kasper (2006, p. 135–136), existe um senso comum de que os objetos possuem funções. Eles têm alguma utilidade e a partir dela se obtém um determinado resultado, como uma faca que serve para cortar. Na consciência comum, a função existe como propriedade das coisas tanto quanto a cor e a forma.

Segundo Cardoso (2016, p. 101), não existe *função*, mas sim *funções*. Existe o mau hábito de usar a palavra *função*, quando se deseja falar conceitos e valores que são distintos. Para o autor, ao genericamente utilizar esse termo, é gerada uma confusão entre seus usos (o que se pode fazer com ele) e o que ele pode significar.

### 2.2.2 Propriedades dos objetos que permitem diferentes usos

Um objeto precisa ter determinadas qualidades para ser utilizado, como a faca que consegue cortar por sua geometria particular. Entretanto, apenas essa característica não basta, pois uma borracha com a mesma forma não consegue cortar. Então são necessárias as qualidades de dureza e rigidez para haver a característica cortante da lâmina. São complexas as propriedades importantes para um uso, compostas por uma união de traços elementares (Kasper, 2006, p. 138).

Um objeto *attached*<sup>4</sup> que possua um tamanho adequado, permite ser agarrado, como o que acontece com o macaco e o galho da árvore. Já o objeto *detached*<sup>5</sup> que possua determinado tamanho para ser segurado, possibilita o transporte; se o mesmo tiver a relação massa/volume propícia para arremesso, o mesmo se torna um projétil. Quando um objeto é oco, pode ser utilizado para conter e armazenar substâncias. Um objeto de superfície nivelada na mesma altura de um joelho, pode ser usado para sentar. Algum objeto alongado, como uma vara, se for flexível, permite<sup>6</sup> a dobra e transformação para um arco de flechas. A lista de exemplos é infinita (Gibson, 2015, p. 34 tradução nossa).

---

<sup>4</sup> Termo não traduzido, do original: *An attached object of the appropriate size permits a primate to grasp it, as a monkey grasps a tree branch* (Gibson, 2015, p. 34).

<sup>5</sup> Termo não traduzido, do original: *A detached object of the appropriate size to be grasped is even more interesting. It affords carrying, that is, it is portable. If the substance has an appropriate mass-to-volume ratio (density), it affords throwing, that is, it is a missile* (Gibson, 2015, p. 34).

<sup>6</sup> O autor utiliza a conjugação verbo “*afford*” para indicação possibilidade, permissão. Por meio desse verbo, Gibson cria o termo “*affordance*”, que será explicado nas páginas seguintes. Texto original: *An elongated object, a stick, if the substance is elastic and flexible, affords bending and thus can be made into a bow for launching arrows* (Gibson, 2015, p. 35).

Segundo Norman (2006, p. 112), ao nos depararmos com um objeto novo, a capacidade de saber o que fazer com ele pode depender da transferência de conhecimento de experiências passadas ou da obtenção de instruções. As informações necessárias, nesses casos, podem residir na mente do indivíduo. Outra abordagem envolve o uso do novo objeto no mundo, especialmente se seu design fornecer informações interpretáveis. As restrições naturais e as físicas limitam as ações possíveis, enquanto as *affordances*, sugerem os usos e ações potenciais de um objeto. As *affordances* sinalizam possíveis movimentos e ações, enquanto as restrições limitam as alternativas disponíveis. A combinação atenta desses elementos no design, facilita ao usuário a determinação rápida da sequência de ações que serão realizadas, mesmo em situações novas. O termo *affordance*<sup>7</sup> é utilizado para descrever as “propriedades percebidas e reais de um objeto”, com destaque para as fundamentais, aquelas que indicam a maneira que o objeto pode ser utilizado.

As indicações sobre o funcionamento de objetos podem ser obtidas através de sua estrutura visível, principalmente por meio de *affordances*, coerções e mapeamentos. Como as tesouras, mesmo sem experiência e uso prévio, é possível perceber a limitação da quantidade das ações. Os buracos funcionam como *affordances*, permitindo que os dedos sejam inseridos, ao mesmo tempo que seus tamanhos agem como coerções ao indicar quantos dedos podem ser encaixados. O mapeamento entre buracos e dedos é sugerido e restringido pelos próprios buracos (Norman, 2006, p. 35–36). Utilizando o exemplo do uso de um *mouse*, Norman (1999, p. 40–41 tradução nossa) explica os três tipos de coerções.

Quadro 5: Tipos de coerções.

Tipo	Definição
Coerções físicas	As coerções físicas estão intimamente relacionadas com os <i>affordances</i> reais: por exemplo, não é possível mover o cursor para fora da tela: esta é uma restrição física.
Coerções lógicas	As coerções lógicas usam o raciocínio para determinar as alternativas. Assim, se pedirmos ao usuário para clicar em cinco locais e apenas quatro estiverem imediatamente visíveis, a pessoa sabe, logicamente, que há um local fora da tela.

<sup>7</sup> O conceito de *affordance* foi primeiro apresentado por Gibson, tendo Norman difundido no campo do design.

**Coerções culturais**

Coerções culturais são convenções compartilhadas por um grupo cultural. O fato de que o gráfico no lado direito de uma tela é uma "barra de rolagem" e que se deve mover o cursor para ele, manter pressionado um botão do mouse e "arrastá-lo" para baixo, a fim de ver objetos localizados abaixo do conjunto visível atual (fazendo com que a própria imagem pareça se mover para cima) é cultural, convenção aprendida.

Fonte: Norman (1999, p. 40–41 tradução nossa).

Retomando o termo *affordance*, Krippendorff (2006, p. 112 tradução nossa) explica que a proposta de Gibson não está relacionada a como observar objetos, mas à sua usabilidade: a possibilidade de sentar em uma cadeira, carregar uma caixa, subir escadas, mover objetos. A percepção, para Gibson, está profundamente ligada à composição do corpo humano. Por exemplo, para ser manuseado, um objeto deve ter duas superfícies opostas separadas por uma distância menor que a extensão da mão, mas essa distância não deve ser menor do que o que dois dedos podem pegar. Em suma, a percepção humana está essencialmente relacionada ao que os humanos podem fazer com seus corpos.

O modo que usamos e consumimos as coisas, é um processo de interação com o entorno, intervenção no cotidiano. O uso dos produtos deve depender menos de processos especiais e se apoiarem nas experiências anteriores (Margolín, 2014, p. 68; Queluz; Cresto, 2010, p. 116).

Uma conversa sobre a experiência em relação ao design tem como foco a interação humana com produtos, abrangendo duas dimensões: a operativa e a reflexiva. A dimensão operativa é o modo que os produtos são utilizados nas atividades diárias, enquanto a dimensão reflexiva refere-se a como pensamos ou sentimos em relação a um produto, podendo lhe atribuir significados. Ambas as dimensões operam em conjunto, pois o uso de um produto é inseparável da consideração do significado que esse uso tem para o indivíduo. A experiência está na consciência do indivíduo como resultado de sua interação com um produto. Cada pessoa traz consigo diferentes condições internas para uma situação de uso, levando a atribuir à sua interação com o produto um significado individual (Margolín, 2014, p. 59-60;62).

### 2.3 Significados e apropriações

Para diferenciar o design de outras atividades criativas e as atividades que as pessoas realizam com intenção, é utilizado o conceito de centralidade no ser humano. A semântica do produto estabelece a importância do significado para os designers. Assim, os primeiros trabalhos sobre a semântica do produto indicam que a subjetividade das interpretações é tão, e, às vezes, mais importante que a caracterização física de sua função, levando a máxima: “Os seres humanos não veem e agem com base nas qualidades físicas das coisas, mas no que essas coisas significam para eles”. Essa afirmação diz respeito aos designers poderem conceituar objetivos, organizar e apresentar bons argumentos para seus designs, sugerindo a distinção da produção de design e o que outras áreas ensinam e fazem (Krippendorff, 2006, p. 47 tradução nossa).

Para os designers, este axioma define o limite do discurso no processo de design, incluindo a metodologia e as competências profissionais, sendo, portanto, de considerável importância retórica. Ao adotar o significado como central, os designers precisam ser muito mais específicos do que simplesmente afirmar o axioma (Krippendorff, 2006, p. 50 tradução nossa). Segundo o autor, essa máxima estabelece o limite do discurso, as competências profissionais e as metodologias do designer. Contudo, é necessário ampliar o escopo desta proposta, incluindo as dimensões estruturantes: sentido, significado e contexto.

O sentido é a sensação que ocorre quando alguém entra em contato com o mundo sem refletir, interpretar ou explicar. Por meio do sentido, percebe-se o que é incomum, inesperado ou diferente. São ações familiares e comuns, como sentar em um sofá enquanto lê um jornal. Em comparação, o significado traz as diferenças percebidas entre o que é sentido e o que parece estar acontecendo, um meio de manter contato com o que se tornou incerto (Krippendorff, 2006, p. 50;52 tradução nossa).

O significado é estruturado, um conjunto de possibilidades de como lidar com as coisas e as pessoas, indicando caminhos possíveis para guiar ações. Não são fixos, sendo construídos por meio de experiências anteriores e invocados pelo sentido, e o sentido faz sempre parte do que ele invoca (Krippendorff, 2006, p. 56–57 tradução nossa).

Os significados surgem no uso da linguagem, mas envolvem especialmente as interações humanas com artefatos. Os significados não são intrínsecos às qualidades físicas ou materiais das coisas, nem podem ser localizados dentro da mente humana. Assim como o significado de um texto emerge no processo de leitura, o significado de um artefato emerge ao se relacionar com ele (e por meio dele com outros). Os seres humanos participam constitutivamente desse processo, na parte que implica abertura conceitual (Krippendorff, 2006, p. 56 tradução nossa).

Os significados dependem do contexto nos quais ele se instaura. Segundo Krippendorff (2006, p. 59 tradução nossa), os contextos limitam a quantidade de significados. Um exemplo é o dicionário, ele apresenta uma lista de significados de uma palavra, mas cabe ao leitor saber qual se aplica ao contexto de uso. Dessa forma, os artefatos podem significar coisas distintas em situações diferentes, para pessoas diferentes.

Ocorre um projeto na origem de um artefato, com o maior objetivo de embutir significados, assim, codificando-os com valores e informações que podem ser entendidos pelo uso e aparência. Através do visual, o design pode sugerir ações e comportamentos. Isso resulta em objetos de aparências que não são neutras e carregadas de significados. Ao olhar para um objeto, o indivíduo associa uma série de valores e juízos ligados à sua história (Cardoso, 2016).

No Design, as formas podem ter significado próprio por meio de como são utilizadas ou dos papéis e valores que são atribuídos, podendo variar de cultura para cultura, levantando questões sobre padrões de comportamento. Contudo, o valor atribuído não é permanente, visto a possibilidade de mudança de significado do produto mediante o contexto (Heskett, 2008, p. 36;39). Carlson (2022) apresenta uma série de produtos criados pela designer Andra Formen, que mudou o significado de peças de motonetas elétricas (e-scooters), ao utilizá-las para criar luminárias.

Figura 1: Luminária com peças de e-scooter.



Fonte: Carlson (2022).

Para Krippendorff, a teoria dos significados trata de como os usuários individualmente entendem e interagem com os artefatos, seguindo seus próprios termos e razões. O guia das práticas de uso muitas vezes é influenciado por ideias preconcebidas dos usuários, e, à medida que adquirem competência, seus entendimentos podem evoluir de maneira contínua. Os artefatos podem passar por diversas transformações de significado, sem sofrerem alterações em sua composição material. A teoria do design sobre o significado dos artefatos em uso deve ir além das mudanças resultantes do aprendizado, mas também considerar esses diversos tipos de usos. É salientado que os designers não são únicos na concepção de significados, sua perspectiva da realidade não é mais legítima do que as realidades percebidas por outros indivíduos (Krippendorff, 2006, p. 77–78).

Denis (1998, p. 28;31) apresenta o conceito de *fetichismo* associado ao design como ato de designar significados diversos aos objetos, que não são a eles inerentes. Uma ação espiritual, ideológica e psíquica de associar valor simbólico à existência de artefatos, dando outra vida às coisas. Pensando no artefato como entidade abstrata incorporada em algo concreto, nenhum objeto possui significado fixo. Por existir no tempo e no espaço, ele perde os sentidos inerentes e adquire outros com a mudança de contexto.

Para o autor, os significados possuem níveis, sendo universal e inerente, e outro pessoal e volúvel. Eles surgem por meio da fabricação, do comércio, dos usuários, ou, muitas vezes, pelo conjunto de todos esses. Nem mesmo os significados inerentes são realmente inerentes, por não preexistirem à transformação humana da matéria. Os significados se estabelecem de duas maneiras: pela atribuição e pela apropriação, sendo respectivamente paralelas à produção/distribuição e ao consumo/uso. O grau de estabilidade dos significados, ou sua capacidade de aderência ao artefato é variável. Os significados atribuídos durante a sua concepção e distribuição, tendem a ser mais duradouros e vistos como universais, em contraponto aqueles provenientes de apropriações de consumo e uso (Denis, 1998, p. 33).

Apropriação significa o processo sobre como objetos e lugares ganham sentido e como eles são incorporados em sua vida cotidiana. A apropriação pode ser entendida como; a necessidade de transformar o espaço para senti-lo é nosso, não pela mera transformação, mas pela necessidade de nos mostrar nele (projeção). Precisamos adaptá-lo para nos sentirmos confortáveis. No espaço público esse fato é mostrado graças a ações “possíveis” como: uso habitual de um local, adaptações ao mobiliário urbano de uso frequente, corrente em um bicicletário, pichações, etc. Essas formas refletem hábitos, valores e modo de vida, preferências e fobia de pessoas ou grupos que ocupam o lugar. Esse processo cria uma espécie de relação de equivalência entre o espaço ou objeto e os usuários. O espaço mostrará o modo de vida dos habitantes e as diferenças culturais no processo de apropriação (Real et al., 2006, p. 2).

Com os aspectos relacionados ao significado, se destaca o conceito de ressignificação, que pode gerar diversos desdobramentos, sejam eles “relacionados ao sentido/significado de um objeto/produto ou ligados a um conceito existente que se altera” (Belchior, 2014, p. 130). Assim, ressignificar é adicionar um novo sentido ao objeto, modificando seu conceito, sua percepção e interpretação original, tornando-o mais coerente ao sujeito por meio de um novo ponto de vista, transformando-o para o contexto atual (Belchior; Ribeiro, 2017, p. 2). No campo do design, esse termo é usado na definição da revisão de uso dos objetos, uma reinterpretação dos artefatos produzidos pelo homem e, para ele, por meio da alteração do seu conceito (Marigo; Barbosa; Moreira, 2016, p. 4914).

Um exemplo de modificação dessa mudança de significados e a reinterpretação dos artefatos é o movimento “faça você mesmo” (DIY). Norman (2023, p. 195–196 tradução nossa) afirma que a história do DIY é longa e vai até o início da tecnologia humana, podendo ser expressa pelas pessoas que podem reparar e criar novos produtos a partir de materiais comuns do cotidiano, sendo encontrada em culturas do mundo todo. Um clássico exemplo do DIY fala sobre as pessoas reunirem matérias-primas e construir o que precisam no momento. Nem todos constroem o que desejam com matérias-primas, os membros mais inteligentes da comunidade DIY desenvolvem meios de reutilização e reaproveitamento de móveis existentes.

### 2.3.1 Usuários como vetores de inovação

As pessoas interagem e se comunicam por meio de diversos produtos no dia-dia, por exemplo, as garrafas vazias são usadas para separar as gemas dos ovos de suas claras. Essas descobertas tornam a vida humana tão significativa e conveniente quanto as criações derivadas de estudos. Indivíduos não-designers desenvolvem, novas funções com o uso de produtos do tipo inovador (Hassan et al., 2022, p. 1). Considerando a inventividade dos indivíduos, Bonsiepe (2011, p. 258) apresenta a “inovação baseada no usuário”, sendo um dos vetores ou forças motrizes capazes de proporcionar a inovação do design.

Ao longo de décadas foram desenvolvidas várias inovações no campo do design, muitas dessas estão direta ou indiretamente relacionadas à significação, como atribuímos sentidos ou significados a objetos, artefatos e coisas em geral. Ao conseguir atribuir significados, também é possível modificar esses significados da interpretação inicial, permitindo um vasto leque de possibilidades para o design (Belchior; Ribeiro, 2017, p. 2). A seguir, serão apresentadas duas classificações distintas de apropriação e ressignificação de objetos, além da mudança de comportamento em contexto privado e urbano.

#### **2.3.1.1 Classificação Akrich**

A seguir, será apresentada a classificação proposta por Akrich (1998) sobre as intervenções dos usuários na inovação tecnológica. A autora coloca os usuários como agentes ativos, contribuindo para a ressignificação dos objetos que interagem, separando em quatro meios de intervenção do usuário: deslocamento, adaptação, extensão e desvio<sup>8</sup>. Ao estudar essas categorias, é explorada a observação de gestos que refletem em novos usos e significados atribuídos aos objetos.

---

<sup>8</sup> Do original: *Le déplacement, L'adaptation, L'extension, Le détournement* (Akrich, 1998).

## 2.3.1.1.1 Deslocamento

Quadro 6: Deslocamento.

<b>Deslocamento</b>	
Definição	O deslocamento consiste em modificar o espectro dos usos previstos para um artefato, sem anular aquilo para o qual ele foi projetado e sem introduzir modificações significativas no artefato <sup>9</sup> .
Exemplo de apropriação: secador de cabelo	<p>Uma rápida investigação produz resultados reveladores sobre a versatilidade desse objeto, que, além do que sua própria denominação sugere, pode ser usado para secar uma ferida em processo de cicatrização, aliviar um torcicolo [...]. Esses usos se baseiam em funcionalidades específicas do secador de cabelo, como o fato de soprar ar e a capacidade de aquecer esse ar. [...]</p> <p>Basta pensar nisso por alguns instantes e perceberemos que constantemente realizamos tais deslocamentos. [...] O esforço é mínimo, o artefato permanece inalterado, e há uma grande variabilidade nos deslocamentos, isso não é tão frequente: provavelmente é necessário que um novo uso se destaque por sua natureza bastante geral para que possa ser adotado pelo mercado.</p>
Exemplo de inovação: seringa para vitamina	Durante muitos anos, recém-nascidos e bebês de até dois anos têm sido prescritos com um suplemento diário de vitamina d. [...] A administração dessa vitamina era feita por meio de um pequeno recipiente medidor fornecido com o frasco de vitaminas. [...] Auxiliares de enfermagem tiveram a ideia de usar uma seringa de plástico para realizar a mesma operação [...]. Pouco tempo depois, os frascos de vitaminas passaram a ser vendidos com um pequeno êmbolo que é o análogo exato da seringa, exceto que perdeu a saliência que permite a fixação de uma agulha.

Fonte: Akrich (1998, p. 3–5 tradução nossa).

---

<sup>9</sup> Do original: *Le déplacement consiste à modifier le spectre des usages prévus d'un dispositif, sans annihiler ce en vue de quoi il a été conçu, et sans introduire de modifications majeures dans le dispositif* (Akrich, 1998, p. 3).

### 2.3.1.1.2 Adaptação

Quadro 7: Adaptação.

Definição	
Definição	Introduzir algumas modificações no artefato que permitam ajustá-lo às características do usuário ou ao seu ambiente, sem, no entanto, afetar sua função principal <sup>10</sup> .
Exemplo	O alongamento das alças de ferramentas para permitir um uso à distância, o aumento de um carrinho de compras para pessoas com dificuldades de se abaixar, e, de maneira mais geral, toda uma gama de transformações que visam melhorar a ergonomia para pessoas que tenham necessidades específicas, fazem parte das adaptações comuns que não exigem grandes habilidades técnicas. Em alguns casos, essas adaptações podem ser integradas pelos fabricantes, especialmente quando o uso de um artefato exige um nível significativo de especialização técnica e está inserido em uma atividade em evolução.

Fonte: Akrich (1998, p. 5–6 tradução nossa).

### 2.3.1.1.3 Extensão

Quadro 8: Extensão.

Definição	
Definição	Falaremos de extensão quando um artefato é mais ou menos mantido em sua forma e usos originais, mas são adicionados um ou mais elementos que enriquecem a lista de suas funções <sup>11</sup> .
Exemplo	Alguns pais que colocam caixas sob o assento do carrinho de bebê em que circula sua prole, uma iniciativa posteriormente adotada por alguns fabricantes. Da mesma forma, observando provavelmente o hábito dos pais de pendurar sacolas plásticas de suas compras nas alças desses mesmos carrinhos, alguns fabricantes propuseram redes que se prendem de maneira muito

<sup>10</sup> Do original: *On parlera d'adaptation lorsqu'il s'agit d'introduire quelques modifications dans le dispositif qui permettent de l'ajuster aux caractéristiques de l'utilisateur ou de son environnement sans pour autant toucher à sa fonction première* (Akrich, 1998, p. 5).

<sup>11</sup> Do original: *On parlera d'extension lorsqu'un dispositif est à peu près conservé dans sa forme et ses usages de départ mais qu'on lui adjoint un ou plusieurs éléments qui permettent d'enrichir la liste de ses fonctions* (Akrich, 1998, p. 7).

simples. Ainda no campo do transporte, [...] mas de grama cortada, há algum tempo existe a prática comum de usar um recipiente de plástico cuja base é cortada e que é colocado no carrinho de mão para aumentar sua capacidade de transporte; no entanto, recentemente, encontramos carrinhos de mão que possuem um artefato que basicamente substitui essa engenhoca engenhosa.

Fonte: Akrich (1998, p. 5–6 tradução nossa).

#### 2.3.1.1.4 Desvio

Quadro 9: Desvio.

Definição	
Definição	A noção de Desvio refere-se a um conceito bastante difundido, especialmente no campo da arte: um artefato é desviado quando um usuário o utiliza para um propósito que não tem nada a ver com o cenário originalmente previsto pelo designer e, conseqüentemente, anula qualquer possibilidade de retorno ao uso anterior <sup>12</sup> .
Exemplos	A recuperação de objetos usados frequentemente ocorre por meio do desvio; [...] a engenhosidade das pessoas na adversidade é ilimitada. [...] Essa ambigüidade é apenas a forma extrema de uma ligação que persiste sempre entre o objeto produzido pelo desvio e o objeto desviado: assim como nas outras modalidades de transformação de artefatos [...], o desvio inevitavelmente se baseia nas propriedades do objeto original, mesmo que, ao contrário dos casos anteriores, essas propriedades possam ser marginais na definição do objeto original e só possam surgir como tais na confrontação com um novo uso.

Fonte: Akrich (1998, p. 8–9 tradução nossa).

#### 2.3.1.2 Classificação por Suri

Na classificação proposta por Suri (2005), são reunidas observações de ações cotidianas e intuitivas que as pessoas realizam ao interagirem com objetos e lugares.

<sup>12</sup> Do original: *La notion de détournement renvoie à un concept assez répandu, en particulier dans le domaine de l'art : un dispositif est détourné lorsqu'un utilisateur s'en sert pour un propos qui n'a rien à voir avec le scénario prévu au départ par le concepteur et même annihile du coup toute possibilité de retour à l'usage précédent* (Akrich, 1998, p. 8).

Por meio de registros visuais e interpretações sutis, a autora exibe a sua percepção de ações espontâneas, não planejadas e inconscientes.

### 2.3.1.2.1 Reagir

“Nós interagimos automaticamente com objetos e espaços que encontramos” (Suri, 2005, p. 7 tradução nossa).

Quadro 10: Reagir.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Caminhada de metrô - dicas táteis e visuais atraem os viajantes a seguirem instintivamente ao longo do caminho certo. (p. 8-9)<sup>13</sup></p>
	<p>Evitando superfícies - aqui estão ajustes pouco conscientes nas escolhas de caminhos. Como a nossa consciência das mudanças superficiais pode ser usada para obter vantagens? (p. 12-13)<sup>14</sup></p>
	<p>Copo em cima do carro - uma sequência bem praticada de ações para lidar com a mão cheia. Quais outras atividades diárias fazemos malabarismos? (p. 16-17)<sup>15</sup></p>

<sup>13</sup> Do original: “metro walk, tactile as well as visual cues draw travelers instinctively along the right path” (Suri, 2005, p. 182).

<sup>14</sup> Do original: “avoiding surfaces, here are barely conscious adjustments in paths choses. how might our awareness of surface changes be used to advantage” (Suri, 2005, p. 182).

<sup>15</sup> Do original: “cup on car, a well practiced sequence of actions for dealing with full hand. what other daily activities do we juggle our way through?” (Suri, 2005, p. 182).



Amarrar o cadarço - há sempre uma necessidade não planejada, aqui alguma coisa no nível certo para os pés, elementos versáteis e superfícies cumprem múltiplos usos. (p. 18-19)<sup>16</sup>



Janela como espelho - uma reação espontânea ou reflexão procurada? (p. 21)<sup>17</sup>



Sombra de jornal - um elemento estrutural improvável, mas aqui o papel é fixado para fornecer a luz e a distância certas. (p. 22)<sup>18</sup>



Bolsa na boca - quantas formas de manter as mãos livres quando em movimento? (p. 24)<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Do original: "tie lace, there's always an unplanned need, here something just at the right level for feet, versatile elements and surfaces fulfill multiple uses" (Suri, 2005, p. 182).

<sup>17</sup> Do original: "window mirror, a spontaneous reaction or reflection sought for?" (Suri, 2005, p. 182).

<sup>18</sup> Do original: "shared magazine, enjoying private content in public; light and shade can both define space" (Suri, 2005, p. 182).

<sup>19</sup> Do original: "bag in mouth, how many ways to keep hands free when on the move?" (Suri, 2005, p. 182).



Cães no post - um poste que não feito com esse propósito, mas uma solução perfeita. Outros tipos de provisão podem encorajar as pessoas a parar e fazer compras em lojas próximas? (p. 25)<sup>20</sup>



Pé na cabine – para o conforto e alívio ao longo do tempo, nossos pés buscam uma variedade de superfícies. (p. 26)<sup>21</sup>



Bolsas no tornozelo - em um espaço público, itens se sentem seguros e lembrados ainda que dentro do nosso espaço pessoal (p. 27)<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Do original: “dogs on post, not a purpose-made post, but a perfect solution. might other kinds of provision encourage people to stop and shop at nearby store?” (Suri, 2005, p. 182).

<sup>21</sup> Do original: “foot in booth, for comfort and relief over time, our feet seek a variety of surfaces” (Suri, 2005, p. 182).

<sup>22</sup> Do original: “ankle bags, in a public space, items feel safe and remembered still within our personal space” (Suri, 2005, p. 182).



Bloqueio de ruídos - ferramentas que nos liberam para a comunicação "a qualquer hora em qualquer lugar" também nos exigem para criar contexto apropriado (p. 29)<sup>23</sup>



Guarda-chuva no bolso - as roupas também podem fornecer maneiras de liberar as mãos para outras coisas. O que mais nossas roupas podem suportar? (p. 33)<sup>24</sup>



Ponta dos pés - a borda e o corrimão de apoio levaram a ideia a buscar um ponto de vista mais alto? (p. 34)<sup>25</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 8–34 tradução nossa).

### 2.3.1.2.2 Responder

“Algumas qualidades e características nos fazem comportar de modo particular”  
(Suri, 2005, p. 35 tradução nossa).

<sup>23</sup> Do original: “blocking noises, tools that free us up for communication “anytime anyplace” also make demands on us to create appropriate context” (Suri, 2005, p. 182).

<sup>24</sup> Do original: “umbrella pocket, clothes, too, can provide ways to free up hands for other thing. what else might our clothing support?” (Suri, 2005, p. 183).

<sup>25</sup> Do original: “tiptoe, did the ledge and supportive railing prompt the idea to seek a higher vantage point?” (Suri, 2005, p. 183).

Quadro 11: Responder.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Marcador - fazendo uma pausa na leitura enquanto espera o trem, esta mulher pode retomar exatamente de onde parou no momento que escolher. Algum outro sistema seria mais fácil de usar se lembrasse ou apontasse para o seu lugar após interrupções? (p. 38-39)<sup>26</sup></p>
	<p>Lata dentada – um amassado feito pelo dedão cria prontamente uma marca pessoal. Talvez isso tenha sido deliberado para indicar “este é meu” – entre amigos com itens semelhantes. Talvez tenha sido apenas uma liberação de energia nervosa ou uma resposta ao material maleável. (p. 43)<sup>27</sup></p>
	<p>Se esparramar na cerca - recursos simples e estáveis fornecem flexibilidade no que podem suportar (p. 46-47)<sup>28</sup></p>

<sup>26</sup> Do original: “bookmark, taking a break from reading while she waits for the train, this woman can resume right where she left off the moment she chooses. would any other systems be easier to use if they remembered or pointed to your place after interruptions?” (Suri, 2005, p. 183).

<sup>27</sup> Do original: “dented can, a thumb dent readily creates a personal mark. perhaps this was deliberate to indicate “this one’s mine” – among friends with similar items. perhaps it was just a release of nervous energy or a response to the malleable material – the fiddle factor at play in handing an object.” (Suri, 2005, p. 183).

<sup>28</sup> Do original: “fence sprawl, simple, stable features provide flexibility in what they can support; here, just hanging out” (Suri, 2005, p. 183).



Cone no poste - uma forma de encaixe; é uma resposta simples a um perigo no local de trabalho que simultaneamente protege e chama a atenção. (p. 48)<sup>29</sup>



Copo no pilar - espaço negativo pode sugerir como colocar objetos; isso é lixo, mas cuidadosamente colocado. (p. 50)<sup>30</sup>



Caixa de leite do poste - os vestígios similares foram feitos conscientemente? Ou a caixa vazia só parece pertencer a esse lugar? Onde mais combinar formas, pede nossa capacidade de reconhecimento de padrões para sanar um comportamento desejado? (p. 51)<sup>31</sup>



Fita na garrafa - essa é apenas uma maneira fácil de transportar elementos díspares, um lembrete ou um emparelhamento intencional de ferramentas? Que situações podem se beneficiar de

<sup>29</sup> Do original: “cone on post, a fitting form; here’s a simple response to a work-site hazard that simultaneously protects and draws attention” (Suri, 2005, p. 183).

<sup>30</sup> Do original: “cup on pillar, negative space can suggest how to place objects; this is litter, but carefully placed” (Suri, 2005, p. 183).

<sup>31</sup> Do original: “milk on post, were the similar footprints sensed consciously? or did the empty carton just seem to belong there? where else might matching shapes call on our pattern-recognition skill to elicit desirable behavior?” (Suri, 2005, p. 183).

combinações flexíveis de objetos específicos dessa maneira simples? (p. 53)<sup>32</sup>



Carro novo - talvez apenas estacionamento ruim, mas mais provavelmente deliberadamente fora do alcance de portas giratórias. Esse comportamento inconformista chama a atenção ou sinaliza para as pessoas ficarem claras? (p. 54-55)<sup>33</sup>



Se apoiar na forma curvada - uma configuração rara para um alongamento inconsciente. Podemos desfrutar de alternativas às formas retilíneas em outros lugares? (p. 56)<sup>34</sup>



Andar na mureta - essa mudança de altura traz uma nova perspectiva e relação. Como a elevação espacial pode melhorar a experiência social, física e emocional? (p. 58-59)<sup>35</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 38–59 tradução nossa).

### 2.3.1.2.3 Associar

“Usamos de oportunidades presentes no nosso entorno imediato” (Suri, 2005, p. 61 tradução nossa).

<sup>32</sup> Do original: “*tape on bottle, is this just an easy way to carry disparate elements, a reminder, or an intentional pairing of tools? what situations might benefit from flexible combinations of specific objects in this simple way? commuting, picnicking, or sightseeing perhaps?*” (Suri, 2005, p. 184).

<sup>33</sup> Do original: “*new car, maybe just bad parking but more likely deliberately out of range of swinging doors. dows such nonconformist behavior draw attention or signal people to stay clear?*” (Suri, 2005, p. 184).

<sup>34</sup> Do original: “*curved lean, a rare configuration for an unconscious stretch. might we enjoy alternatives to rectilinear forms elsewhere?*” (Suri, 2005, p. 184).

<sup>35</sup> Do original: “*wall walk, this change in height brings a new perspective and relationship. how can spatial elevation enhance social, physical, and emotional experience?*” (Suri, 2005, p. 184).

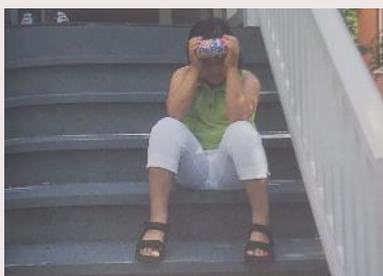
Quadro 12: Associar.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Pendurar na barra do trem - a interpretação de um elemento de design depende não apenas de seu próprio contexto, mas também do contexto que as pessoas trazem para ele. Neste caso o corrimão é para limpeza a seco para pendurar livre, mãos livres. Existem outras formas de auxiliar os passageiros durante a viagem? (p. 63)<sup>36</sup></p>
	<p>Guarda-chuva na bicicleta - encaixado entre o assento e o suporte para estar perfeitamente alinhado com a bicicleta – uma maneira de integrar uma necessidade e minimizar seu efeito em uma forma simplificada. (p. 64)<sup>37</sup></p>
	<p>Bolsa no carrinho - possibilita prender as coisas juntas para a mobilidade; maneiras de adicionar elementos, mas permanecer gerenciável e independente. (p. 66)<sup>38</sup></p>

<sup>36</sup> Do original: “hang on train, interpretation of a design element depends not just on its own context but also on the context that people bring to it. in this case the handrail is for dry cleaning to hang free, hands free. are there other ways that passengers might be helped through their journey? invisibly?” (Suri, 2005, p. 184).

<sup>37</sup> Do original: “bike umbrella, slotted between the seat and the carrier so that it is perfectly in line with the bike – a way to integrate a necessity and minimize its effect on a streamlined shape” (Suri, 2005, p. 184).

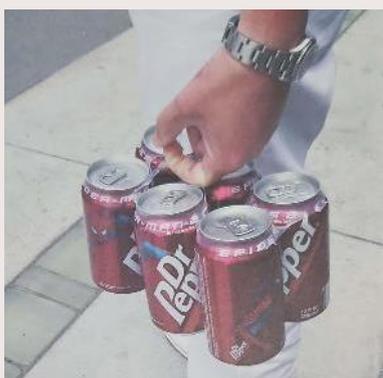
<sup>38</sup> Do original: “stroller bag, its useful to be able to attach things together for mobility; ways to add elements but stay manageable and self-contained” (Suri, 2005, p. 184).



Lata de resfriamento - contato condutivo frio, prolongando o refresco. Há outras situações, outros produtos, em que as qualidades térmicas alargam o seu valor? (p. 69)<sup>39</sup>



Corda na xícara de chá - às vezes há um toque necessário para refinar uma experiência. Como podemos aprender e projetar esses detalhes? (p. 71)<sup>40</sup>



Transportando latas - os itens individuais podem ser projetados para serem portáteis; mas também precisamos de maneiras de carregar múltiplos. Este arnês de plástico não foi concebido como uma alça, mas, até que se estique demais, funciona por um tempo (p. 77)<sup>41</sup>



Cabeça apoiada - assentos vazios ampliam o espaço pessoal útil. Como os assentos públicos podem fazer mais disso? (p. 76)<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Do original: "cooling can, cold conductive contact, extending refreshment. are there other situations, other products, where thermal qualities extend their value?" (Suri, 2005, p. 185).

<sup>40</sup> Do original: "teacup string, sometimes there's an intricate touch required to refine an experience. how can we learn and design for these details?" (Suri, 2005, p. 185).

<sup>41</sup> Do original: CARRYING CANS, Single items may be designed to be portable; but we need ways to carry multiples, too. This plastic harness wasn't intended as a handle but, till it stretches too much, it works for a while. " (Suri, 2005, p. 185).

<sup>42</sup> Do original: RESTING HEAD, empty seats extend useful personal space. How might public seating make more of this? " (Suri, 2005, p. 185).



Prateleira do esfregão - aqui é um lugar para esfregões molhados para serem secos e disponível para seu próximo uso. Onde mais podemos querer combinar o armazenamento discreto com os benefícios do sol e do ar fresco? (p. 77)<sup>43</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 63–77 tradução nossa).

#### 2.3.1.2.4 Explorar

“Aproveitamos as qualidades físicas e mecânicas que entendemos” (Suri, 2005, p. 79 tradução nossa).

Quadro 13: Explorar.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Dois carrinhos - características ambientais atuam como um freio de sucesso para esses carrinhos. Quando as funções básicas de controle devem ser incorporadas a um produto? Devemos confiar no contexto para fornecê-los? (p. 80,81)<sup>44</sup></p>

<sup>43</sup> Do original: MOP RACK, here's a place for wet mops to be dried and available for their next use. Where else might we want to combine discreet storage with the benefits of sun and fresh air? ” (Suri, 2005, p. 185).

<sup>44</sup> Do original: “two carts, environmental features act as a successful brake for these carts. when should basic control functions be built in to a product? should we ever rely on context to provide them?” (Suri, 2005, p. 185).



Bastões na parede - a variação da superfície pode guiar o comportamento de outras maneiras úteis? (p. 85)<sup>45</sup>



Notícias do banheiro - vemos e usamos as coisas de maneiras que têm relevância para nós. O corrimão aqui é valioso, mas não simplesmente porque conforme a lei dos americanos com deficiência. (p. 86-87)<sup>46</sup>



Buscando ar - inevitavelmente algumas qualidades e características ambientais se prestam a um uso não intencional. Como os espaços podem ser compartilhados efetivamente por usuários com diferentes desejos? (p. 88-89)<sup>47</sup>



Escrever nas costas - muitas vezes precisamos apenas de acesso momentâneo a coisas, como superfícies. Como podemos projetar para fornecer instantaneamente elementos conforme eles são

<sup>45</sup> Do original: “*wall batons, might surface variation guide behavior in other useful ways?*” (Suri, 2005, p. 185).

<sup>46</sup> Do original: “*bathroom news, we see and use things in ways that have relevance to us. the handrail here is valuable, but not simply because it complies with the americans with disabilities act. its an example of truly universal design-everyone benefits*” (Suri, 2005, p. 186).

<sup>47</sup> Do original: “*seeking air, inevitably some environmental qualities and features lend themselves to unintended use. how might spaces be shared effectively by users with different desires?*” (Suri, 2005, p. 186).

necessários e removê-los tão rapidamente quando terminado (p. 93)<sup>48</sup>



Rolar o balde - pesado por alça, mas uma forma circular é efetivamente rolada. Alguma coisa aqui para informar o design para facilitar o manuseio? (p. 96)<sup>49</sup>



Aquecendo as mãos - as mãos frias as mãos frias buscam naturalmente o calor. O que significaria projetar para aparência térmica? (p. 97)<sup>50</sup>



Remendo de repolho - valor está relacionado à necessidade, e CDs gratuitos têm um brilho brilhante que assusta os corvos. Como itens de curta duração poderiam deliberadamente oferecer um valor mais duradouro? (p. 98-99)<sup>51</sup>



Prato de pizza - reconfigurando um prato flexível em torno de comida dobrável, este turista encontrou o desafio de comer pizza em movimento.

<sup>48</sup> Do original: "write back, frequently we need only momentary access to things, such as surfaces. how might we design to instantly provide elements as they are needed and remove them as quickly when finished" (Suri, 2005, p. 186).

<sup>49</sup> Do original: "rolling bucket, heavy by handle, but a circular form is effectively rolled. anything here to inform design for easier handling?" (Suri, 2005, p. 186).

<sup>50</sup> Do original: "hand warming, cold hands naturally seek warmth. what would it mean to design for thermal appear?" (Suri, 2005, p. 186).

<sup>51</sup> Do original: "cabbage patch, value is related to need, and free cds have a glinting shine that scares the crows. how could short-lived items deliberately offer more enduring value?" (Suri, 2005, p. 186).

Isso tem lições para lanches e embalagens? (p. 100)<sup>52</sup>



Cactos - novos formulários para quadros de avisos, sistemas de postagem? (p. 101)<sup>53</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 80–101 tradução nossa).

### 2.3.1.2.5 Adaptar

“Mudamos o propósito ou contexto da coisa para atender nossos objetivos”  
(Suri, 2005, p. 103 tradução nossa).

Quadro 14: Adaptar.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Lápis no cabelo - aqui está uma função estendida conveniente para uma ferramenta diária. Quando as ferramentas utilitárias se tornam vestíveis, assumindo um papel pessoal ou decorativo? (p. 105)<sup>54</sup></p>

<sup>52</sup> Do original: “*pizza plate, reconfiguring a floppy plate around folding food, this tourist has met the challenge of eating pizza on the go. does this have lessons for snacks and packaging?*” (Suri, 2005, p. 186).

<sup>53</sup> Do original: “*cactus, new forms for notice boards, posting systems?*” (Suri, 2005, p. 186).

<sup>54</sup> Do original: “*pencil in hair, here’s a convenient extended function for an everyday tool. when do utilitarian tools become wearable, taking on a personal or decorative role?*” (Suri, 2005, p. 186).



Martelo para parar a porta - essa é a solução permanente ou apenas de hoje? É interessante especular sobre o quanto se pensou nisso – isso foi apenas a coisa mais próxima que faria o truque, ou a forma, ou o material é especialmente adequado? (p. 106)<sup>55</sup>



Suporte de árvore - uma parede resistente forçada a realizar o serviço que vai além da sua função como limitante de área. As características ambientais são geralmente mais simbólicas do que funcionais? (p. 108-109)<sup>56</sup>



Detergente - drenando um líquido viscoso torna mais fácil obter a última gota. Todos os produtos da casa não deveriam ficar em suas tampas? (p. 117)<sup>57</sup>

<sup>55</sup> Do original: “hammer doorstop, is this permanent or just today’s solution? it’s interesting to speculate about how much thought went into this – was this just the nearest thing that would do the trick, or is the form or material especially suitable?” (Suri, 2005, p. 186).

<sup>56</sup> Do original: “tree support, a sturdy wall pressed into useful service beyond its intended role as a boundary marker. are environmental features generally more symbolic than functional?” (Suri, 2005, p. 187).

<sup>57</sup> Do original: “detergent, draining a viscous fluid makes it easier to get the last drop. shouldn’t all household products stand on their caps?” (Suri, 2005, p. 187).



Filtro de chá - aqui uma modificação estende a utilidade de um elemento funcional, projetado para se encaixar e trabalhar com um sistema específico. Seria desejável projetar intencionalmente para uma gama mais ampla de opções? Possível? (p. 117)<sup>58</sup>



Gaveta como assento - às vezes um compromisso no conforto serve perfeitamente bem; pode até desencorajar a permanência por mais tempo do que o essencial. (p. 117)<sup>59</sup>



Funil de papel - controle inerente de uma ampla gama de tamanhos de flauta. Isso incorpora um princípio para o design de ferramentas mais úteis? (p. 118)<sup>60</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 105–118 tradução nossa).

### 2.3.1.2.6 Conformar

“Aprendemos padrões de comportamento de outras pessoas do nosso grupo social e cultural” (Suri, 2005, p. 125 tradução nossa).

<sup>58</sup> Do original: “tea strainer, here a modification extends the utility of a functional element, designed to fit and work with a specific system. would designing intentionally for a wider range of option be desirable? possible?” (Suri, 2005, p. 187).

<sup>59</sup> Do original: “drawer seat, sometimes a compromise in comfort serves perfectly well; it might even discourage staying longer than is essential” (Suri, 2005, p. 187).

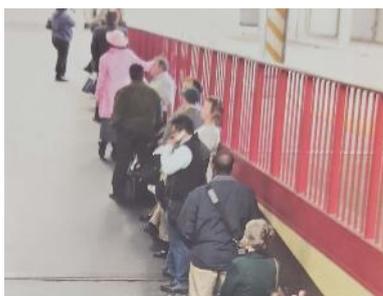
<sup>60</sup> Do original: “paper funnel, inherent control of a wide range of flute sizes. does this embody a principle for the design of more useful tools?” (Suri, 2005, p. 187).

Quadro 15: Conformar.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Festa do chá, o senso de confiança compartilhada da garota é quase tangível. Como objetos uniformes e únicos apoiam a experiência de rituais compartilhados de diferentes maneiras? (p. 126)<sup>61</sup></p>
	<p>Esperando, as pessoas parecem preferir ficar nos postos, não no espaço livre ou na fita. Isso é para distanciamento social, proteção, algo para descansar, ou uma sensação de que parece mais um lugar específico? Talvez haja aqui lições para o desenho de lugares para esperar. (p. 128)<sup>62</sup></p>

<sup>61</sup> Do original: "tea party, the girl's sense of shared confidence is almost tangible. how do uniform and unique objects support the experience of shared rituals in different ways?" (Suri, 2005, p. 187).

<sup>62</sup> Do original: "waiting, people seem to prefer to stand at the posts, not in free space or at the tape. is that for social distance, protection, something to rest on, or a sense that it feels more like a specific place? perhaps there are lessons here for design of places for waiting" (Suri, 2005, p. 188).



Linhas, por que algumas linhas são desordenadas enquanto outras parecem ser perfeitas espontaneamente, fora do fluxo de pedestres e com igual espaçamento? (p. 129)<sup>63</sup>



Banco privado, regras tácitas protegem a privacidade no espaço público. Como a privacidade pode ser respeitada à medida que os espaços ficam mais lotados? (p. 132-133)<sup>64</sup>



Palco de rua, um performer e um auditório; entendemos a convenção. Que outros espaços públicos incitam comportamentos específicos? (p. 134-135)<sup>65</sup>

<sup>63</sup> Do original: "lines, why are some lines disorderly while others appear to be perfect spontaneously, out of the pedestrian flow and with equal spacing?" (Suri, 2005, p. 188).

<sup>64</sup> Do original: "*private bench, unspoken rules protect privacy in public space. how can privacy be respected as spaces become more crowded?*" (Suri, 2005, p. 188).

<sup>65</sup> Do original: "*street stage, a performer and an auditorium; we understand the convention. what other public spaces incite specific behaviors?*" (Suri, 2005, p. 188).



Lixo escondido, ordem social gerada espontaneamente – talvez alguma relutância em abandonar os recipientes recicláveis? (p. 136)<sup>66</sup>



Bicicleta como lixeira, uma visão comum em Tóquio: cestas de bicicletas parecem lixeiras tradicionais e estão em um local perfeito para os transeuntes depositarem móveis urbanos? (p. 137)<sup>67</sup>



Guarda-chuvas em scooters, deixar um guarda-chuva para sombrear o assento de plástico preto torna sua partida mais agradável. Talvez seja mais fácil encontrar sua scooter também? (p. 138)<sup>68</sup>



Transição de triatlo, em esportes competitivos todos procuram pegar truques que maximizam a eficiência. O que podemos aprender sobre design eficaz com artistas extremos? (p. 139)<sup>69</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 126–139 tradução nossa).

<sup>66</sup> Do original: “trash stash, spontaneously generated social order – perhaps some reluctance to ditch recyclable containers?” (Suri, 2005, p. 188).

<sup>67</sup> Do original: “bike bin, a common sight in tokyo: bike baskets look like traditional wastebins and are in a perfect location for passersby to deposit street furniture?” (Suri, 2005, p. 188).

<sup>68</sup> Do original: “umbrellas on scooters, leaving an umbrella to shade the black plastic seat makes your departure more pleasant. perhaps its easier to find your scooter, too?” (Suri, 2005, p. 188).

<sup>69</sup> Do original: “triathlon transition, in competitive sports everyone looks to pick up tricks that maximize efficiency. what might we learn about effective design from extreme performers?” (Suri, 2005, p. 188).

### 2.3.1.2.7 Sinalizar

“Transmitimos mensagens e comandos para nós mesmos e para outras pessoas” (Suri, 2005, p. 141 tradução nossa).

Quadro 16: Sinalizar.

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Correio mal entregue - os erros são inevitáveis; um pinto neste sistema permite um remédio, mas é melhor projetar para erros desde o início. (p. 144-145)<sup>70</sup></p>
	<p>Lixo florido - as mensagens nem sempre são funcionais; alguns simplesmente fazem você sorrir. (p. 146)<sup>71</sup></p>

<sup>70</sup> Do original: “*misdelivered mail, errors are inevitable; a chick in this system allows for a remedy, but it’s better to design for errors right from the start*” (Suri, 2005, p. 188).

<sup>71</sup> Do original: “*flower trash, messages aren’t always functional; some simply make you smile*” (Suri, 2005, p. 188).



Telefone social - as expressões pessoais têm significado para si e para as outras pessoas. Essa decoração não só a identifica com seu telefone, mas também sinaliza sua conexão com amigos, tanto para eles quanto para estranhos. E se fosse possível selecionar quem pode ver tais expressões? (p. 147)<sup>72</sup>



Nota do medidor - a informação não flui apenas para um lado; os sistemas precisam de um canal de backup para comunicação, especialmente quando há uma pane. (p. 148)<sup>73</sup>



Cafeteira - não use este tanque. Ferramentas e sistemas compartilhados geralmente precisam de indicadores de status/progresso para que outras pessoas saibam o que está acontecendo. (p. 150-151)<sup>74</sup>



Livro e cadeira - o lojista estará de volta em breve: muitas informações são comunicadas aqui através de artefatos e contexto. Podemos deliberadamente projetar mensagens tão sutis, mas úteis? (p. 154)<sup>75</sup>

<sup>72</sup> Do original: "social phone, personal expressions have meaning for oneself and for other people. this decoration not only identifies her with her phone, but also signals her connection with friends, both to them and to strangers. what if it were possible to select who can see such expressions?" (Suri, 2005, p. 189).

<sup>73</sup> Do original: "meter note, information doesn't flow just one way; systems need a backup channel for communication, especially when there's a breakdown" (Suri, 2005, p. 189).

<sup>74</sup> Do original: "coffeemaker, don't use this tank. shared tools and systems often need status/progress indicators to let other people know what's happening" (Suri, 2005, p. 189).

<sup>75</sup> Do original: "book and chair, the storekeeper will be back soon: a lot of information is communicated here through artifacts and context. can we deliberately design messages so subtle yet helpful?" (Suri, 2005, p. 189).



Pinguim da faixa de eletricidade - interações com um novo sistema complexo tornado mais acessível, familiar e até divertido. (p. 156-157)<sup>76</sup>



Saco na árvore - por favor, deposite lixo. O próprio objeto oferece suporte ao comportamento apropriado. (p. 158)<sup>77</sup>



De perdido para encontrar, tanto o meio quanto o contexto formam a mensagem. Aqui, localização proeminente e contexto inesperado transmitem informações significativas; a mesma roupa colocada em um banco de parque transmitiria um significado diferente, bem como talvez fosse negligenciada. (p. 160)<sup>78</sup>

Fonte: Suri (2005, p. 144–160).

<sup>76</sup> Do original: “power strip penguin, interactions with a complex new system made more approachable, familiar and even fun” (Suri, 2005, p. 189).

<sup>77</sup> Do original: “bag in tree, please deposit trash. the object itself supports the appropriate behavior” (Suri, 2005, p. 189).

<sup>78</sup> Do original: “lost to find, both the medium and the context form the message. here, prominent location and unexpected context convey significant information; the same garment placed on a park bench would convey a different meaning as well as perhaps be overlooked” (Suri, 2005, p. 189).

### **2.3.1.3 Conclusão das classificações**

Suri (2005) apresenta uma classificação composta por 7 categorias, sendo todas conceituadas por uma breve explicação. Embora esteja ilustrado em imagens, não fica claro do que pode ou não ser classificado em cada categoria, visto a quantidade de exemplos diferentes em uma categoria sem a explicação do que conecta todos eles para justificar a classificação. Em contrapartida Akrich (1998) apresenta definições com maior esclarecimento do que são as categorias criadas pela autora, contudo, sem exemplos visuais. Embora não haja a visualização dos conceitos, a autora apresenta um cenário definido de cada uma das quatro categorias.

Confrontando as duas classificações, observa-se que existem similaridades, porém Suri (2005) apresenta maior quantidade de categorias devido a diferenciações, para que situações muito distintas não caiam sob a mesma nomenclatura. Além da explicação mais detalhada apresentada por Akrich (1998), o fato de utilizar menor quantidade de categorias, também auxilia na compreensão e uso de sua classificação. Portanto, para realização desse estudo, a classificação de Akrich (1998) foi utilizada, tendo Suri (2005) como um comentário complementar apresentado em texto.

# Método e Técnicas

## CAPÍTULO III – MÉTODO E TÉCNICAS

O presente capítulo descreve o método e as técnicas do trabalho, contendo: caracterização da pesquisa, perfil do espaço e detalhamento.

### 3.1 Caracterização da pesquisa

Como apresentado, a pesquisa visa identificar e classificar ressignificações dos objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande – PB. A pesquisa está caracterizada como apresentado na Figura 2.

Figura 2: Caracterização da pesquisa.



Fonte: Autoria Própria (2023).

Quanto à natureza da dissertação, se estabelece como pesquisa básica, por buscar aprofundar conhecimentos nesse campo de estudo. Considerando as explicações de Santos (2018) e Gil (2008), a abordagem é fenomenológica, trazendo o esclarecimento do que é dado. Por ser qualitativa, existe o foco nos significados apresentados, trazendo descrição da experiência, buscando compreensão de relações e observando pontos especificados pelo pesquisador.

A pesquisa exploratória, para Zanella (2011) “tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno”. Esse tipo de pesquisa desenvolve, esclarece e modifica conceitos e ideias, sendo possível a formulação de problemas precisos para estudos posteriores (Gil, 2008). O autor ainda pontua que pesquisas exploratórias trazem uma visão geral de determinado fato onde o tema ainda é pouco explorado.

Conforme as buscas realizadas até então, existe uma escassez de conhecimento voltado ao estudo do uso de objetos no meio urbanos. Para isso, será realizado o levantamento e classificação dessas ações, podendo contribuir com o entendimento de tais situações.

Foi utilizada uma combinação entre pesquisa bibliográfica com estudo de campo. Onde a pesquisa bibliográfica entra como meio de obter conhecimento base de determinados fatos e a pesquisa de campo tem como objetivo estudar a partir da observação do objeto de pesquisa.

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008). O autor fala que quase todos os estudos exigem uma pesquisa bibliográfica em algum nível, sendo parte da pesquisa exploratória, uma pesquisa bibliográfica. É importante analisar profundamente todas as informações obtidas para verificar a possibilidade de incoerências ao utilizar diversas fontes.

Gil (2008) apresenta estudo de campo como o estudo profundo da questão, sendo uma técnica mais observativa, por meio de um grupo ou comunidade, entendendo a interação de seus componentes.

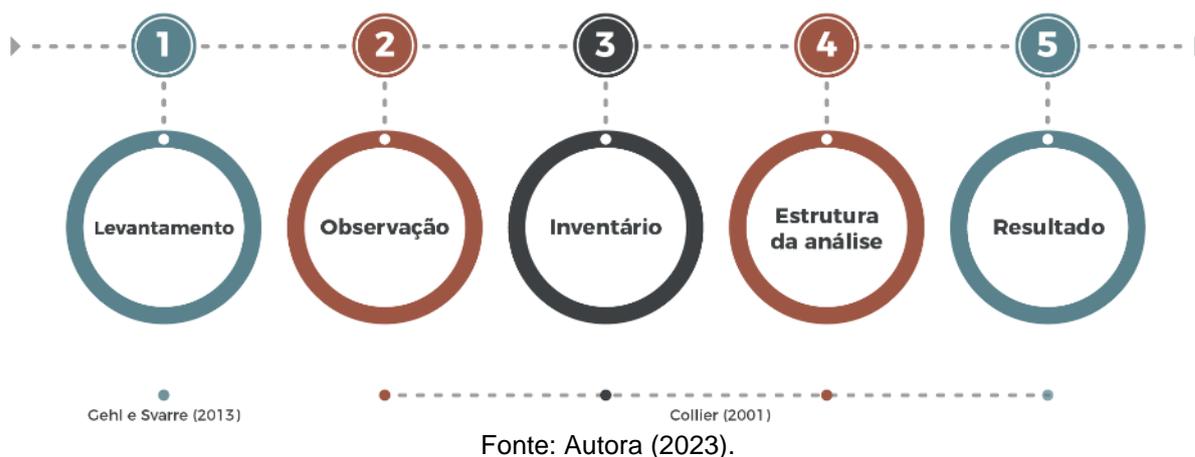
Como procedimento de coleta, foi utilizado o estudo de caso, onde acontece o estudo de “fenômenos em seu contexto de vida real”, nesse caso, não ocorreu controle ou participação do pesquisador sobre os eventos, apenas a observação. Houve a busca pela compreensão do fenômeno observado.

O local foi a parte predominantemente comercial do Centro Histórico de Campina Grande, Paraíba. Objetos naturais como paisagismo e objetos não naturais como mobiliários urbanos de concreto, canteiros e outros artefatos com as pessoas, foram observados na perspectiva da interação usuário-objeto.

### **3.2 Detalhamento do método, das técnicas e dos materiais**

A pesquisa foi realizada em cinco fases, sendo a primeira derivada do método de estudo da vida pública por Gehl e Svarre (2013), seguida da inserção das quatro fases do modelo básico analítico apresentado por Collier (2001), além da análise de imagens por meio de conceitos apresentados por Rose (2016) para os resultados.

Figura 3: Etapas da coleta e análise dos dados.



### Primeira fase: Levantamento de dados

Em “*How to study public life*” (Como estudar a vida pública), Gehl e Svarre (2013) apresentam ferramentas para serem utilizadas no estudo do espaço e pessoas que o ocupam. Para esse estudo foram selecionadas as ferramentas a seguir:

Quadro 17: Ferramentas para estudar a vida pública.

Ferramentas	Descrição
Mapear	Atividades, pessoas, lugares de estadia e muito mais pode ser pontuado, desenhados como símbolos em uma planta [...]. É também chamado de mapa comportamental.
Procura de vestígios	A atividade humana muitas vezes deixa vestígios como lixo nas ruas, manchas de terra na grama, entre outras, o que dá ao observador informações sobre a vida na cidade. Estes vestígios podem ser registados através da contagem, de fotografias ou por mapeamento.
Fotografias	Fotografar é uma parte essencial dos estudos da vida pública para documentar situações nas quais a vida e a forma urbanas interajam ou falha em interagir após iniciativas terem sido tomadas.
Manter um diário	Manter um diário pode registrar detalhes e nuances da interação entre a vida pública e o espaço, anotando observações que posteriormente podem ser categorizadas e ou quantificadas.
Caminhadas teste	Caminhar observando a vida do entorno pode ser mais ou menos sistemático, mas o objetivo é que o observador

tenha a chance de notar problemas e potencialidades para a vida urbana em um determinado trajeto.

Fonte: Gehl e Svarre (2013, p. 24).

Aqui tem-se como foco observar diretamente as apropriações que surgem das interações durante a realização das atividades e os vestígios de usos dos objetos no espaço urbano, sendo em alguma medida útil para a reflexão da prática ou da teoria do design. Portanto, para o levantamento qualitativo dos dados necessários, foram utilizadas as ferramentas mencionadas no quadro acima.

Visando a não interferência do observador com o objeto de estudo no processo de registro fotográfico, o aparelho celular foi disfarçado para que as pessoas não notassem o registro para o estudo e modificassem suas ações. Para isso, o celular estava dentro de um caderno com um furo apenas para a câmera e as fotos eram registradas por meio de um disparador remoto. À medida que a caminhada ocorria, várias fotos eram registradas, para depois serem analisadas e descartadas aquelas que não continham o material para estudo. Quando uma situação de apropriação era observada, o caderno era discretamente posicionado para o registro, sem interferir no cotidiano do entorno estudado.

### ***Segunda fase: Observação***

Após a primeira fase, foram observadas as situações na totalidade, identificando e anotando suas ideias e pensamentos nas imagens registradas. Foi importante anotar as perguntas que surgiram durante a observação das figuras, possibilitando um direcionamento para uma análise aprofundada (Collier, 2001 tradução nossa).

### ***Terceira fase: Inventário***

Por meio da observação, produzir um inventário de todas as imagens, criando categorias que afetem e auxiliem nos objetivos de pesquisa (Collier, 2001 tradução nossa). Os autores afirmam que a “análise dos registros visuais da experiência humana é uma busca de padrão e significados, complicada e enriquecida pelo nosso inescapável papel de participantes dessa experiência”. As imagens só podem ser

analisadas se houver o estabelecimento de anotações e relações contextuais, além de considerar as limitações da imagem.

Acerca das imagens, elas devem ser observadas constantemente, “agrupadas inicialmente em uma ordem que se aproxime das relações [...] contextuais do assunto que refletem”. Após entender como está organizado esse conjunto de relações, as imagens podem ser agrupadas em outras estruturas, propiciando comparações entre situações semelhantes e contrastantes (Collier, 2001 tradução nossa).

#### ***Quarta fase: Estrutura da análise***

Esta fase consiste da estrutura da análise cujo objetivo é classificar os dados obtidos por meio de perguntas específicas analisadas pela técnica da listagem (Collier, 2001 tradução nossa). Portanto, a análise do inventário favorece a correspondência com a classificação apresentada por Akrich (1998) e complementando a classificação com Suri (2005). Observando as duas formas de rotular as ressignificações, nota-se que Akrich (1998) categoriza em uma perspectiva macro, enquanto Suri (2005) em uma perspectiva detalhada.

#### ***Quinta fase: Resultado***

A última fase do modelo de análise de Collier (2001) visa colocar os dados em um contexto, procurando identificar sua relevância, restabelecer o contexto, visualizar imagens na íntegra e escrever conclusões (Collier, 2001 tradução nossa). Portanto, esta fase consiste na apresentação do tratamento final dos dados, resultantes das fases anteriores, com a incorporação das informações que definem o contexto e as observações obtidas, inseridas por meio de uma classificação. Para a análise da composição dos elementos da imagem e seu contexto, serão utilizados os autores Rose (2016) e Collier (2001).

O método utilizado objetivou coletar, analisar e organizar em categorias as diversas maneiras de interação das pessoas com os objetos nos espaços públicos. Os resultados poderão ser utilizados por designers, arquitetos e urbanistas para a formulação de projetos de produtos e espaços, considerando as diversas interações que o público vivencia com os objetos.

### 3.3 Perfil do espaço da pesquisa

A seguir, estão descritos aspectos que caracterizam o espaço como: contexto da cidade, perfil do utilizador e leitura do espaço da pesquisa.

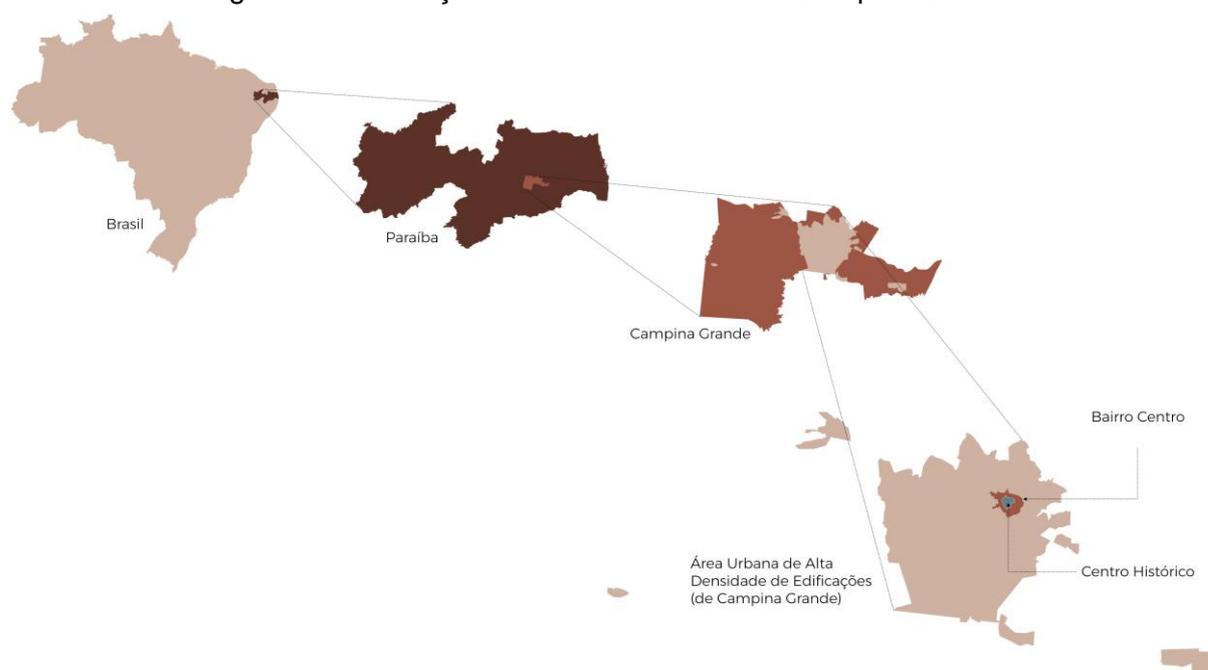
#### *Público utilizador da região*

A pesquisa foi realizada em uma área pública de livre acesso com alto fluxo de pessoas de várias faixas etárias, podendo ocorrer concentrações de grupos em locais pontuais devido às atividades exercidas. As pessoas possuem suas identidades protegidas por meio da manipulação das imagens para ocultar esses dados.

#### *Local do estudo*

O município de Campina Grande está localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, no estado da Paraíba (Figura 4), possuindo 419.379 pessoas segundo o último Censo IBGE (2022).

Figura 4: Localização do Centro Histórico de Campina Grande.



Fonte: Autora (2024). Dados: IBGE (2011); QGIS (2023).

Campina Grande foi originalmente uma aldeia dos indígenas Cariris, presenciando a chegada do português Teodósio de Oliveira Lêdo em 1697 e estabelecendo a tribo dos Ariás. No ano seguinte, foi iniciada a catequese dos indígenas por um franciscano enviado pelo governador Manoel Soares de Albergaria. Localizada entre o alto sertão e a zona litorânea, com terras propícias para culturas como mandioca, milho e outros cereais essenciais para a vida dos colonos, o aldeamento rapidamente se transformou em um povoado próspero. Em 1769, já era uma freguesia, dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Em 1790, alcançou o *status* de vila, recebendo a denominação de Vila Nova da Rainha. No decorrer de sua história, a população local participou ativamente dos movimentos revolucionários de 1817, 1824 e 1848. Em 1874, o município testemunhou a insurreição do “Quebra-quilos”, desencadeada principalmente pela imposição de impostos e pela adoção do novo sistema de pesos e medidas, movimento que se espalhou por diversas outras cidades e províncias do Nordeste (IBGE, 2022).

Figura 5: Praça da Bandeira e Agência dos Correios – Década de 50.



Fonte: Tibor Jablonsky<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/historico>. Acesso em: 05 nov. 2023

Na década de 1920, foram implementados os primeiros aprimoramentos públicos em Campina Grande, visando estabelecer uma infraestrutura urbana com serviços de transporte, eletricidade, iluminação pública elétrica, abastecimento de água, galerias para coleta de águas pluviais e ruas pavimentadas. Nesse período, destacam-se eventos como a inauguração da iluminação elétrica (1920), a introdução do serviço de bondes (1926), a substituição de calçadas de pedra por calçadas de cimento, a pavimentação com paralelepípedos e a drenagem das principais ruas da cidade a partir de 1925. Além disso, foram estabelecidas diretrizes mais rigorosas em 1927 para o alinhamento de novas e antigas construções conforme as determinações do agrimensor municipal. O engenheiro sanitarista Lourenço Baeta Neves desempenhou um papel significativo ao projetar o primeiro sistema de abastecimento de água em 1927, durante os serviços de abastecimento de água e saneamento em execução em João Pessoa na mesma época (Queiroz, 2022, p. 43).

Durante os anos 1930 e 1940, as ações reformistas que visavam modernizar Campina Grande compartilharam ferramentas semelhantes para renovar o conjunto arquitetônico de sua região central e controlar as novas construções nos subúrbios de classe alta. Os decretos nessas décadas, sempre eram justificados em nome do embelezamento urbano, tinham como objetivo padronizar as vizinhanças nas áreas de expansão da cidade, removendo construções antigas, simples e térreas do centro, assim como habitações que mantinham o local como espaço para descanso. Essas medidas eram justificadas na associação desses elementos materiais a um suposto

Figura 6: Agência dos Correios.



Fonte: Autora (2019).

atraso, feiura e distanciamento do mundo industrial civilizado (Queiroz, 2022, p. 193).

O fruto do centro urbano atual de Campina Grande, é também resultado desses e de outros processos históricos, urbanísticos e arquitetônicos que ocorreram. Na atualidade, é possível encontrar edificações construídas a mais de 60 anos, como o caso dos Correios, exibido na Figura 5 e Figura 6.

Visando a preservação desta e das demais edificações que estabelecem um contexto histórico material, foi homologado o Decreto de nº 25.139/2004 para Delimitação do Centro Histórico Inicial da cidade de Campina Grande (Paraíba, 2004, p. 10). A Figura 7 mostra o comparativo do traçado do Centro Histórico de Campina Grande e o local selecionado para a realização da pesquisa. O uso para delimitação da área de estudo apresentada e não do Centro Histórico por completo é justificado pelo cronograma da pesquisa e atratividade do espaço. É um local de alta incidência de fluxo de pessoas, possibilitando maior resultados para a pesquisa.

Figura 7: Mapa de delimitação do Centro Histórico de Campina Grande.



Fonte: Autora (2024). Dados: IPHAEP (2004); QGIS (2023); SEPLAN (2010).

Como apresentado no Quadro 1, os pontos nodais são lugares de referência que podemos entrar e os marcos visuais são pontos de referências que não podemos entrar. A Figura 8 apresenta o mapa da região estudada com os principais edifícios, monumentos, ELP<sup>80</sup> e ECEL<sup>81</sup>. Trazendo destaque a Praça da Bandeira e Arca Catedral, locais de acesso público com alto movimento neles e em seus entornos.

<sup>80</sup> ELP: é todo espaço livre público que não é ocupado por um volume edificado (Magnoli, 2006, p. 179).

<sup>81</sup> ECEL: espaços utilizados para funções culturais, esportivas e de lazer. "São geralmente de uso permanente, podendo ou não ter edificações" (Silva, 2024, p. 58).

Figura 8: Mapa de marcos visuais e pontos nodais.



Fonte: Autora (2024). Dados: IBGE (2011); QGIS (2023); SEPLAN (2010).

A Praça da Bandeira é considerada pela população como uma das áreas mais importantes do centro da cidade, sendo ponto de encontros entre seus habitantes e palco para eventos sazonais.

O entorno do Instituto Histórico de Campina Grande, o antigo Telégrafo, é repleto de atividades com alta atratividade de pessoas, como a Arca Catedral, uma feira popular, e a Feira Central de Campina Grande. Além de ser situado em uma das ruas principais da cidade, Avenida Floriano Peixoto, que aumenta o fluxo de pessoas.

Figura 9: Praça da Bandeira.



Fonte: Autora (2023).

Figura 10: Arca Catedral e antigo Telégrafo.



Fonte: Autora (2024).

A região estudada possui doze vias urbanas<sup>82</sup>, sendo uma delas exclusiva para o uso de pedestres. O mapa da Figura 11, apresenta o nome de todas as vias e a representação de suas extensões dentro do perímetro estudado.

Figura 11: Ruas onde ocorreu o estudo.



Fonte: Autora (2024). Dados: IPHAEP (2004); QGIS (2023); SEPLAN (2010).

Essas vias podem ser classificadas em tipos, aqui contendo via arterial, coletora, categorizadas assim pela Secretaria de Planejamento e Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos (SEPLAN; STTP, 2021). Essa classificação é importante para entender como funciona o fluxo de veículos e pessoas no espaço, podendo esclarecer determinados fatores do espaço. O mapa viário (Figura 12), indica as ruas trabalhadas com suas respectivas classificações. Além das categorias apresentadas pela SEPLAN e STTP (2021), existem também via de local e pedestre, sendo todas as classificações conceituadas a seguir por Ferrari (2004, p. 382, 383).

<sup>82</sup> Via urbana: "Nome genérico de qualquer espaço urbano destinado ao deslocamento de veículos, pessoas ou animais" (Ferrari, 2004, p. 384).

- i. Via arterial: são aquelas com grande volume de veículos, destinado a um tipo de trânsito passageiro;
- ii. Via coletora: permite a conexão das vias coletoras para as vias principais, como a arterial;
- iii. Via local: permite acesso direto aos lotes e tem a circulação dos veículos locais;
- iv. Via de pedestre: é destinada apenas para pedestre, separada de veículos motorizados.

Figura 12: Mapa viário.

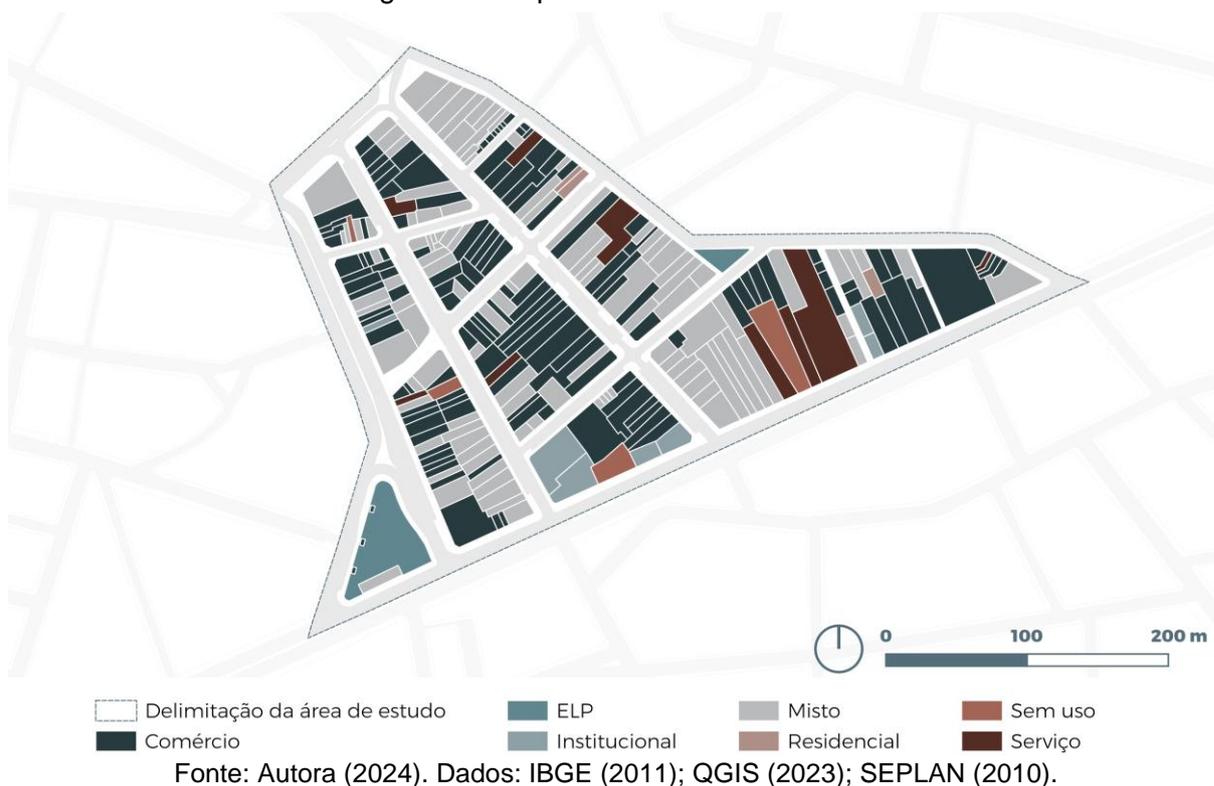


Fonte: Autora (2024). Dados: IBGE (2011); QGIS (2023); SEPLAN (2010); SEPLAN e STTP (2021).

Embora haja um grande fluxo de pessoas e veículos na região, as vias de maior movimento de carros são a Avenida Marechal Floriano Peixoto (1), Rua Marquês de Herval (2), Rua Venâncio Neiva (3) e Rua Maciel Pinheiro (4); seguidas por Rua Barão do Abiaí (5) e Rua Peregrino de Carvalho (6). Essas ruas também são as que possuem maior movimento de pessoas, atividade comercial e de serviços.

Visto o uso dos pedestres, as pessoas utilizam mais as calçadas e comércios presentes nas vias coletoras e arterial, sendo as locais com menores fluxos de pessoas. Os principais usos de lotes, também estão nessas vias de maior atividade.

Figura 13: Mapa de uso do solo urbano.



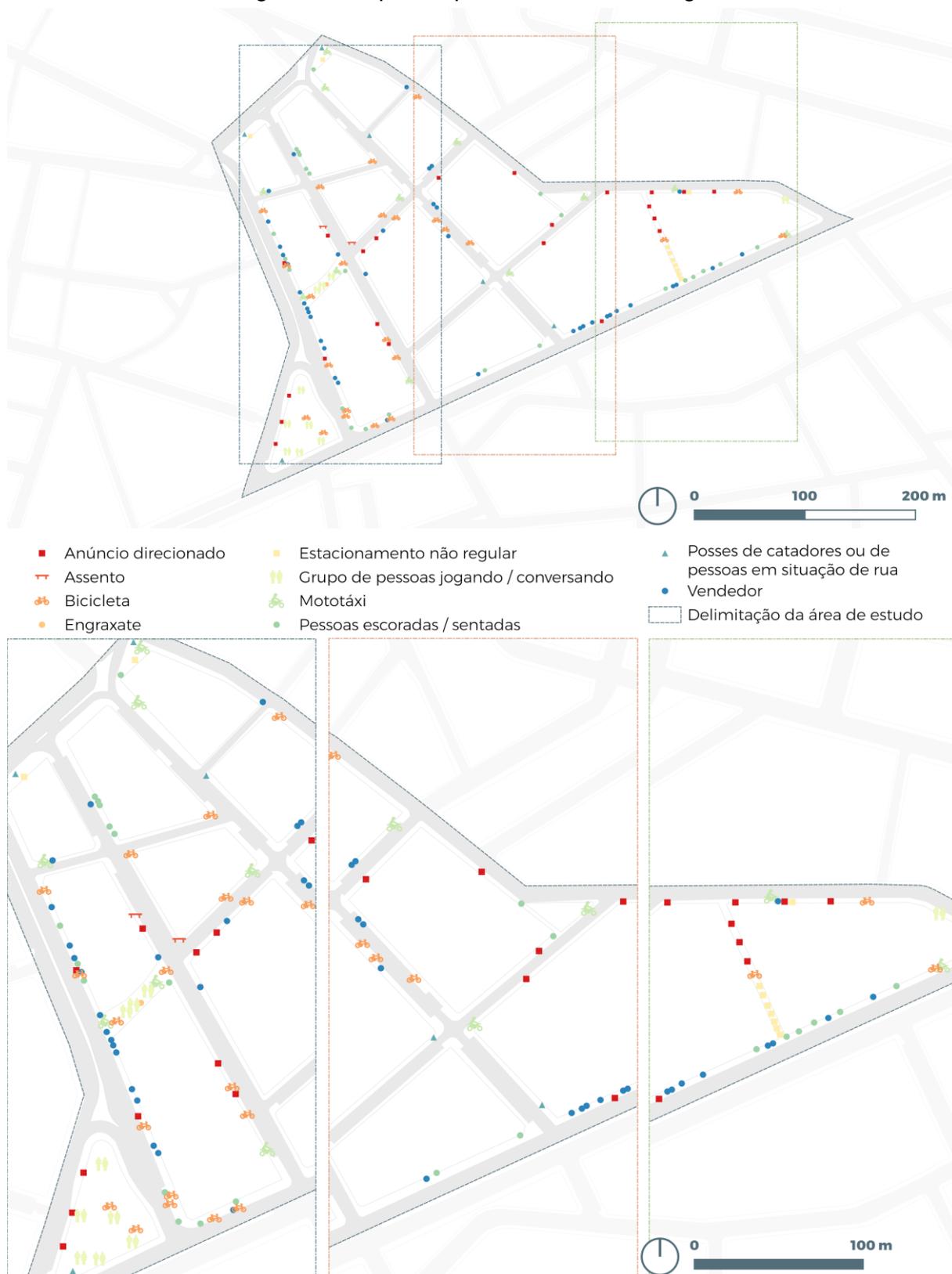
A figura anterior apresenta o uso do solo urbano<sup>83</sup>, classificando os lotes em:

- i. Comércio: lotes utilizados para atividades comerciais;
- ii. ELP: lotes de espaços livres públicos;
- iii. Institucional: lotes com uso institucionais como governamental e saúde;
- iv. Misto: possui a combinação de um ou mais tipos de uso do lote;
- v. Residência: lotes unicamente habitacionais;
- vi. Sem uso: lugares abandonados e/ou sem utilização;
- vii. Serviço: lotes para prestação de serviços como restaurantes.

O levantamento apresentado no mapa corrobora a observação inicial, ocorre a maior utilização do espaço por comércio e serviços. Isso explica a quantidade de pessoas no local em horário comercial e próximo a datas festivas, além de esclarecer a forma que as pessoas utilizam o espaço e se portam nele. As vias com os maiores fluxos de veículos, são as que também possuem maior fluxo de pessoas e uso de comércio.

<sup>83</sup> Uso do solo urbano: "Distribuição no espaço urbano [...] dos diferentes tipos de uso, público e privado, gerados pelas diferentes funções humanas de residir, trabalhar, recrear, circular, enfim, das funções que asseguram a efetiva realização da boa vida humana na cidade." (Ferrari, 2004, p. 372).

Figura 14: Mapa comportamental e de vestígios.



Fonte: Autora (2024). Dados: IBGE (2011); QGIS (2023); SEPLAN (2010).

O mapa da página anterior, apresenta as ações e vestígios da passagem de pessoas pelo local, indicando como se comportaram e apropriaram do espaço. Devido à grande rotatividade de pessoas, existem pontos na região que as pessoas param para se relacionarem entre si. Geralmente são pontos mais espaçosos e sombreados,

Figura 15: Bicicletas em placa de sinalização urbana.



Fonte: Autora (2024).

com assentos e onde o uso dos lotes do entorno favoreça a estadia.

Um dos comportamentos mais comuns observados na região foi o estacionamento de bicicletas. Visto a falta da disposição de equipamentos para tal função, as pessoas se apropriaram de grades e postes para estacionarem as suas bicicletas. A região possui um paraciclo, contudo, é distante dos pontos de maior movimento. Foi observado que os usuários tendem a deixar suas bicicletas próximas ao local que irão entrar ou espaço que irão ficar.

Ocorre também o estacionamento não regular de motos, havendo a concentração desse comportamento na rua de pedestre, a Rua Conselheiro Eufrosino Barbosa Pontes. Esta, localizada entre a Arca Catedral e o Instituto Histórico de Campina Grande, conhecido como o antigo Telégrafo, essa rua é popularmente chamada de “Beco do Telégrafo” ou “Beco das Noivas”.

Além desses comportamentos, devido à morfologia do espaço, a rua estreita proporciona um bom exemplo de anúncios direcionados, que ocorre nessa e nas demais ruas. Procurando atrair clientes, alguns lojistas usam da criatividade para direcionar o fluxo de pessoas para seus estabelecimentos, não contando apenas com as placas fixadas nas fachadas. Foram encontradas placas e demais objetos direcionados para o fluxo de caminhada do público, levando indiretamente o

Figura 16: Moto estacionada e anúncios.



Fonte: Autora (2024).

transeunte a se informar sobre o estabelecimento que está passando em frente.

Foram encontrados vendedores ambulantes percorrendo o mesmo espaço por horários e dias diferentes. Alguns vendedores se estabeleciam em frente de alguma loja popular ou próximo a ponto de ônibus, chegando no início do dia e saindo ao final dele. Os vendedores e outros tipos de trabalhadores do centro, são alguns dos maiores responsáveis pela apropriação de objetos.

### *Conclusão sobre o espaço*

O local destinado para o estudo é um trecho do bairro centro de Campina Grande, sendo também parte do Centro Histórico da cidade. Devido ao alto número de edifícios e atividades de diversas tipologias, ocorre no espaço a presença de muitas pessoas realizando ações diversas. Os principais usos de edifícios são de comércio e serviço, explicando a quantidade de pessoas e escolha para o recorte da região para o presente estudo. A variedade do espaço enriquece o entorno, se tornando um ótimo palco comportamental humano. Foi observado no mapa comportamental, que as pessoas se comportam e se apropriam do espaço de distintas maneiras. Esse panorama corrobora o espaço escolhido como adequado para a pesquisa de apropriações de objetos.

# **Resultados e Discussões**

## CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir serão apresentados os resultados e discussões do estudo, realizado seguindo as etapas descritas no capítulo Método e Técnicas e fundamentados no Referencial Teórico. Por meio de um processo de exclusão de 6 etapas, foram descartadas 4.316 imagens, 115 da quinta etapa estão nos apêndices e 25 foram selecionadas para as imagens finais da classificação. O mapa a seguir indica o posicionamento das fotografias, registros das situações classificadas.

Figura 17: Registros fotográficos.



Fonte: Autora (2024). Dados: QGIS (2023); SEPLAN (2010).

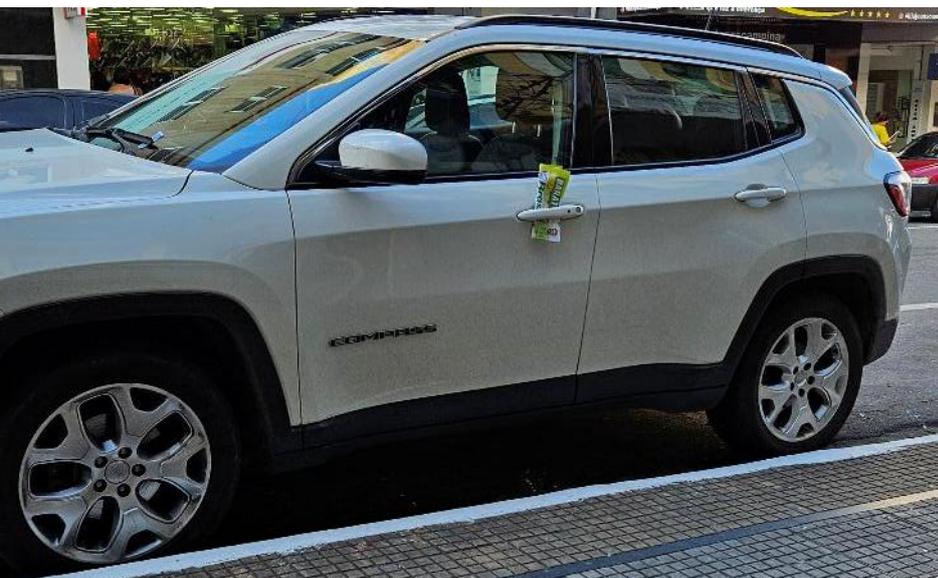
As 25 imagens selecionadas foram divididas sob a classificação apresentada por Akrich (1998) (deslocamento, adaptação, extensão e desvio) e complementada dentro do texto pela classificação proposta por de Suri (2005), aparecendo em ***itálico e negrito*** no texto (reagir, responder, associar, explorar, adaptar, conformar e sinalizar).

## 4.1 Deslocamento

São deslocamentos, as situações nas quais, o uso esperado do objeto foi modificado, mostrando como os objetos podem ser usados frequentemente de maneiras distintas, sem nenhuma ou com pouca alteração física neles. Isso até leva a indagação de quais produtos do meio diário, tiveram seus usos deslocados sem que as pessoas ficassem sabendo.

Observando o dia a dia do centro de Campina Grande, trabalhadores fazem propagandas de serviços e de comércio, porém é comum as pessoas recusarem os panfletos sem ao menos tê-los em mãos. Alguns desses trabalhadores recebem por hora trabalhada ou pelo volume de panfletos distribuídos. Em um trecho do estacionamento da Rua Venâncio Neiva, foi registrado um meio de fazer propaganda um tanto peculiar.

Figura 18: Panfleto na maçaneta.



Fonte: Autora (2024).

A Figura 18, exhibe um carro estacionado em via pública com um panfleto na maçaneta da porta do motorista. Pela extensão de toda a rua, foi encontrada uma sequência de carros na mesma situação, isso também ocorreu em dias e ruas diferentes. A maçaneta é um objeto fundamental para permitir a entrada do motorista no carro, então acaba por ser inevitável que a pessoa desvie do panfleto para poder dirigir. Esse objeto

teve sua função principal deslocada para atender a necessidade de um prendedor ou de até mesmo uma caixa de correios, receptando a propaganda. Nessa situação, o objeto serve para **Sinalizar** ao usuário que irá entrar no carro, que ele necessita pegar o panfleto primeiro, sendo uma coerção física.

Existe um tipo situação recorrente que passa despercebida com o movimento das ruas, as peças das portas das lojas do Centro. É comum encontrar peças que compõem as portas e o fechamento das lojas, escoradas em paredes de fachada e postes. Ao abrirem seus estabelecimentos no início de seus turnos, os lojistas apoiam essas peças em algum lugar externo a loja. Talvez a praticidade ou até mesmo a falta de espaço dentro da loja, os levam a essa ação. Um dos

casos foi ainda mais interessante (Figura 19), um conjunto dessas peças está seguro por corrente, uma restrição física, ao mesmo tempo que a corrente é utilizada para proteger a cadeira de roubo. Esses objetos tiveram suas funções deslocadas para

**Explorar** as propriedades materiais deles para a função de restrição física contra roubo.

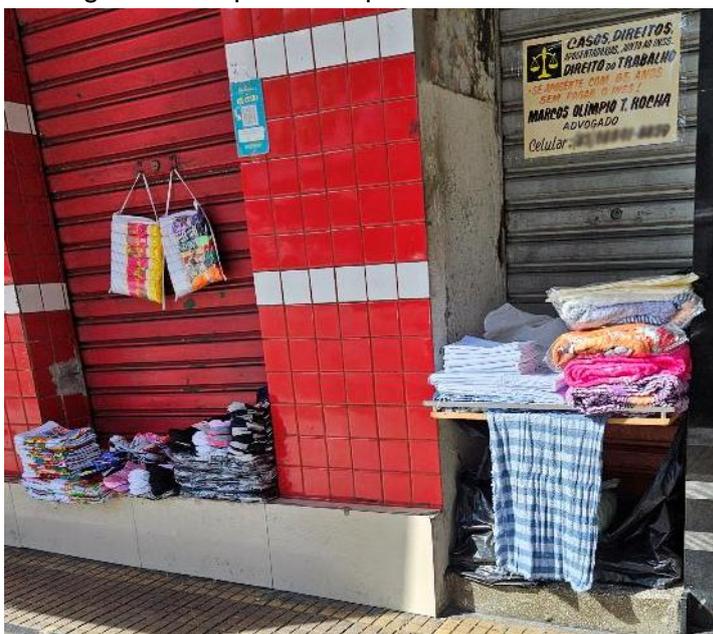
Enquanto uns lojistas apoiam peças de portas em vãos nas paredes de fachadas, outros trabalhadores usam os mesmos espaços para usos diferentes. Na Figura 20, é possível observar a fachada de estabelecimentos. A loja vermelha estava aberta, apenas essa porta estava fechada e a porta cinza sempre fica fechada.

Figura 19: Cadeira acorrentada a peças.



Fonte: Autora (2024).

Figura 20: Expondo de produtos em fachadas.



Fonte: Autora (2024).

Os vazios da fachada vermelha e da cinza, foram preenchidos com objetos por um vendedor ambulante. As fachadas inativas, agora servem de expositor de produtos. Na porta vermelha, existe o relevo da fechadura, um *affordance* para pendurar objetos e o degrau cuja função principal é conectar dois níveis de piso, é usado como uma mesa, apoiando os produtos. Foi inserido no vazio da porta cinza, uma madeira na horizontal, usando-a como mesa. O pano que será vendido, aqui também é cortina, para esconder as sacolas de estoque embaixo da madeira. Aqui, é observado que a porta é utilizada para fixar o cartaz de propaganda de serviços. Colocar objetos à venda em um vão desocupado de loja, pode ser um ato de **Responder** às condições de inatividade das fachadas.

Um objeto consegue atender múltiplas apropriações ao mesmo tempo, um exemplo é a Figura 21. Em um dia de calor, ocorre uma atividade necessária e social. Duas mulheres aproveitam a sombra de um poste de concreto da rede elétrica para conversar, sendo que a que está mais próxima ao poste, está apoiada nele. Ao se protegerem do sol com o poste, estão exercendo um ato de **Reagir** à situação.

Todavia, o poste não está sendo apropriado apenas para isso. Seus atributos físicos estão sendo utilizados para propaganda e organização dos objetos de uma das mulheres. Existe um cartaz perdurado no poste e alguns outros colados em sua superfície plana. Ainda, o que parece ser objetos da moça que está a trabalho, estão agrupados junto ao poste, podendo facilitar o acesso e manejo deles.

Figura 21: Poste apropriado.



Fonte: Autora (2024).

A cadeira está encaixada na mochila, ocorrendo mais de um momento de quando os objetos são utilizados para indicar pertencimento ao mesmo dono.

Figura 22: Preços da banca.



Fonte: Autora (2024).

Próximo à Catedral de Campina Grande, existe um ponto de grande movimentação, isso ocorre devido a uma loja de varejo e um ponto de ônibus para diversas linhas. Nesse local, foi encontrada uma situação de **Sinalizar**, exibida na Figura 22. O dono de uma banca, popularmente conhecida como fiteiro, utilizou as grades de proteção como um objeto para anexar os preços dos produtos vendidos. A horizontalidade das linhas da grade, favoreceu o anexo desses objetos. Talvez, se tivesse fixado no exterior da banca, o cartaz poderia ter sido vandalizado em momento de inatividade da rua. O resultado é que a grade que serve para proteção, quando não é utilizada para sua função principal, adquire outra.

Em frente a uma casa sem uso, próximo ao ponto de ônibus e Arca Catedral, foi observada no muro limitante dessa casa (Figura 23), uma apropriação com o intuito de **Explorar**. Esse muro possui uma altura baixa, sendo completado em altura por um gradil que possui arcos no topo. O vendedor utilizou as subdivisões do gradil para encaixar cada produto, os arcos para pendurar os bonés e o muro como apoio para os demais objetos. Nos pontos onde não existem características físicas para serem facilmente apropriadas, são utilizados outros objetos para exercerem essa função, como cordas. Outro caso é a situação dos degraus do portão de entrada, que foi utilizada uma caixa de papelão como mesa para exibição dos produtos. Para arrematar esse conjunto de apropriações, vem o guarda-sol, que além de proteger produtos e vendedor da incidência solar, quase que transforma todo o contexto em uma barraquinha ambulante.

Figura 23: Gradil como expositor.



Fonte: Autora (2024).

Figura 24: Múltiplos deslocamentos e uma adaptação.



Fonte: Autora (2024).

A Figura 24 foi registrada na esquina do Edifício Lucas, espaço que está sempre cheio de pessoas durante o horário comercial, nela se observam três situações de deslocamento e uma de adaptação. Uma bicicleta está amarrada a um orelhão telefônico, isso ocorre com uma alta frequência e com bicicletas pertencentes a pessoas diferentes. Aqui, o orelhão que além de atender sua função primária, é apropriado para um uso similar ao de um paraciclo. Em outra situação, um senhor utiliza de uma jardineira para sentar, naquele momento, a construção além de conter as raízes da planta, serve de apoio para o descanso do homem.

Em muitos lugares do centro, a demanda do lixo é maior do que as lixeiras podem dar conta. Uma prática comum é utilizar algumas caixas para contenção do lixo, isso é um ato de ***Adaptar***<sup>84</sup>, onde a caixa teve seu contexto mudado para lixeira, ao mesmo tempo que será descartada. Na situação da moça com camisa amarela, ela está em uma ação da dimensão operativa, por automaticamente colocar sua bolsa no chão, protegida por suas pernas. O cenário do vendedor ambulante é de adaptação, será visto a seguir.

<sup>84</sup> Não confundir “***Adaptar***” de Suri com “Adaptação” de Akrich. “***Adaptar***” nesse trabalho sempre aparece em negrito e itálico, dentro da descrição de alguma situação. “Adaptação” é uma categoria que todas as imagens de 4.2 fazem parte.

## 4.2 Adaptação

Na adaptação, o usuário adiciona modificações para ajustar uso do produto ou seu espaço de entorno, mas essas alterações não são permanentes e nem impedem a função principal. Podemos falar do senhor vendedor da figura anterior para exemplificar, ele utilizou panela e outros elementos para facilitar o uso para venda,

Figura 25: Entregas de encomendas.



Fonte: Autora (2024).

mas o carrinho permanece sem alterações físicas definitivas.

O rapaz do primeiro plano da Figura 25, por falta de um suporte para transporte de objetos, utiliza de todo o braço para segurar sacolas com os produtos a serem entregues. Ao fundo da imagem, é observada uma moto com uma caixa de armazenamento anexada atrás, uma adaptação para que o motorista dessa moto, não precisasse segurar os produtos.

A adaptação veio ao adicionar na moto, uma modificação (o caixote) para que pudesse ocorrer o transporte de produtos. Essa atitude também é uma ação de **Adaptar**, visto a mudança do contexto do caixote para atender o propósito desejado.

Em um ponto de cruzamento, foi encontrada uma cadeira de plástico acorrentada em um totem, Figura 26. Essa atitude, além de indicar posse da cadeira a alguém, mostra que ela é utilizada em um ponto quase fixo. Acontece a adaptação ao adicionar os papelões, servindo como acolchoamento da cadeira, onde eles deixaram de armazenar coisas e agora servem de assento. Assim, o dono da cadeira visou **Explorar** a qualidade física do papelão para seu conforto.

Figura 26: Cadeira de plástico



Fonte: Autora (2024).

Figura 27: Lazer e serviço no Calçadão.



Fonte: Autora (2024).

O Calçadão do Centro de Campina Grande é conhecido pelos habitantes como um ponto repleto de espaço para socialização, comida e outros serviços. Na Figura 27, existem alguns deslocamentos e uma adaptação. Como situações de deslocamentos, temos a senhora sentada na jardineira, a parte inferior do banco (abaixo do homem de camisa azul e calça jeans azul) é utilizada como porta volumes, o espaço vazio entre o apoio de costas dos dois bancos

como paraciclo, e as árvores, objetos naturais, sendo utilizadas como ganchos para pendurar as mochilas dos trabalhadores. Embora exista um mobiliário próprio para engraxar sapatos na praça da bandeira, ocorreu uma adaptação do banco urbano comum para esse tipo de mobiliário, ao trazerem outros objetos para complementar essa função adicionada. Esse é um caso de **Adaptar**, onde temporariamente é mudado o propósito do objeto.

A Figura 28 ilustra a sequência de senhores em frente a estabelecimentos, a maioria acompanhados de seus bancos. O banco preto possui uma adaptação, foi adicionada uma espuma sobre uma base rígida. Mesmo tendo cadeiras dentro das lojas, os senhores optam por pegarem seus assentos e ficarem em frente das lojas. Aqui é vista uma ação de **Conformar**, onde uns copiam os padrões de comportamento dos outros.

Figura 28: Bancos e senhores.



Fonte: Autora (2024).

Figura 29: De transportador para mesa.



Fonte: Autora (2024).

Logo em frente à banca da Figura 22, foi encontrado um ponto de venda hortifrúti composto por dois vendedores ambulantes. O vendedor do plano de fundo da Figura 29, possui uma barraquinha para venda, mas o vendedor do primeiro plano da foto não. Ele apoia os produtos de venda sobre um plano de madeira e abaixo dele, podemos ver seis

caixotes de transporte. É possível que os mesmos caixotes usados para transportar os produtos até ali, sejam utilizados para criar uma mesa, trazendo tudo próximo a altura do olhar do possível e facilitando o manejo para o vendedor. Temos outro caso de **Adaptar**, pela mudança temporária do objetivo dos caixotes pela necessidade utilitária.

Um caso interessante sobre adaptação como bem-estar e de trabalho. Um servidor público, foi visto utilizando dois bonés ao mesmo tempo, um virado para frente e o outro para trás (Figura 30). Com a combinação desses dois objetos, houve a adaptação da função. Esse prestador de serviço trabalha durante o dia, então essa adaptação vem para sanar uma necessidade prática. Aqui o funcionário visa **Adaptar** uma situação desconfortável com o uso dos produtos dessa maneira.

Figura 30: Dupla proteção.



Fonte: Autora (2024).

### 4.3 Extensão

Figura 31:  
Publicidade.



Fonte: Autora  
(2024).

Alguns objetos não satisfazem o usuário ou até mesmo podem ter funções adicionadas e para isso, o usuário anexa a composição formal desses objetos, outros elementos para que possam ser exercidas novas atividades. Em suma, uma apropriação ao nível de extensão ocorre quando um objeto é adicionado a outro, estendendo sua forma e função. A Figura 31 exemplifica, onde antes apenas havia um poste de iluminação e hoje ele tem objetos de propaganda em seu corpo. Este também é um caso no qual o indivíduo buscou **Explorar** a verticalidade e visibilidade pública do poste para divulgação da sua marca.

Outra prática comum em Campina Grande, é a atividade de mototaxistas. Esses profissionais estão espalhados pela cidade em pontos estratégicos de atendimento, alguns sendo planejados e outros sendo apropriados. Alguns desses pontos apropriados estão na região estudada, geralmente localizados em zona de estacionamento e com bancos, colocados lá pelos próprios trabalhadores. Na Figura 32, é possível observar uma moto de mototaxista, um banco de madeira e metal, um poste metálico que pertence a uma placa de trânsito e uma pilha de cones acorrentados

a esse poste, junto com o banco. Esses itens pertencem e são utilizados pelos mototaxistas, a mesma prática foi vista sendo replicada pela região, acorrentando em postes e árvores, que são objetos fixos. O poste que antes apenas sinalizava, agora possui elementos adicionados a ele, atribuindo uma nova função, a de proteção de objetos, em especial ao banco, pois não é

Figura 32: Acorrentados.



Fonte: Autora (2024).

Figura 33: Barraca.



Fonte: Autora (2024).

modificações nos objetos estáticos, fazem modificações nos objetos que são móveis. A Figura 34 apresenta um vendedor que adequou todo o seu carrinho de vendas, essas adições estenderam as possibilidades de transporte desse objeto para também servir de mostruário de produto. Para que pudesse vender um tipo de produto, ele os colocou em uma grade anexada na lateral e para outro tipo de produto, ele os amarrou e anexou na frente. Colocando os produtos nessa disposição, o vendedor está querendo **Sinalizar** que os objetos estão à venda.

removido do espaço. Aqui, o poste também foi utilizado para **Explorar** sua característica física, sendo ela a de permanência no espaço.

Um poste de concreto dá suporte para rede elétrica, empresas de comunicações, sinalização de trânsito e outros. Seu posicionamento estratégico, solidez e imobilidade, além de prestar auxílio a empresas, pode abrir margem para apropriações. Em mais uma situação de **Explorar**, um vendedor montou próximo a um poste de concreto (Figura 33), sua barraca para venda de alimentos e outros produtos. Além da estrutura física convencional da barraca, o proprietário utilizou do poste para apoiar mais componentes, como uma coberta e estruturas de mostruário de produtos. Mais que as funções mencionadas, a adição desses componentes estendeu as atribuições do poste.

Os vendedores do Centro quando não fazem

Figura 34: Adições no carrinho.



Fonte: Autora (2024).

Figura 35: Deslocamento, adaptação e extensão.



Fonte: Autora (2024).

No dia a dia, basta ampliar o cenário para ver que existem apropriações de diferentes classificações convivendo lado a lado, é exatamente o que ocorre na Figura 35. As pedras se tornaram pés niveladores e os pratos, que têm como função conter o alimento para refeição, virou mostruário, esses são exemplos de deslocamento. A

sacola para lixo, o caixote com tábua de madeira e o carinho como mesa, facilitando a rotina, são adaptações. Como extensão, existe em um poste balizador, um elemento adicionado para possibilitar o funcionamento da venda, um varão branco amarrado a ele que viabiliza o suporte dos objetos. Aqui, houve um ato de **Associar**, visto o uso do balizador como apoio estrutural.

O que iniciou sendo apenas um carinho de açaí, ganhou nova roupagem e funções (Figura 36). Foi acrescentado um compartimento para caixa de som, outro para um balde para servir como lixeira e uma grade para pendurar outros objetos e compartimentos não identificados. Algo com simples usos e funções, agora tem uma gama mais completa. Além disso, tudo foi revestido em papel alumínio, provavelmente para emitir a ideia de organização e facilitar a limpeza, sendo um ato de **Responder**.

Figura 36: Carrinho modificado.



Fonte: Autora (2024).

#### 4.4 Desvio

Figura 37: A placa da placa.



Fonte: Autora (2024).

O desvio é um tipo de apropriação no qual se utiliza o produto em uma função e um contexto diferente do inicial ou muda a forma dele para que possa ser utilizado. Um exemplo é a reciclagem, que nesse caso, modifica de tal forma que impede o produto de ser utilizado da maneira anterior.

Às vezes o desvio pode aparecer de forma não planejada para sanar uma necessidade imediata. A Figura 37 mostra uma calçada com um buraco em uma placa de concreto, acompanhada por um poste de concreto e uma lixeira. Próximo a placa de concreto, tem uma pequena placa de

MDF, que foi observada em outros dias, sendo utilizada para cobrir esse buraco.

O MDF é um material que é proveniente da madeira, muito utilizado para a fabricação de móveis. Portanto, um pedaço do material foi descartado e/ou dado a nova função de ser a placa, para a proteção das pessoas que passam por ali. Devido à dimensão e planicidade do produto, essa foi uma ação de **Explorar** as qualidades físicas para segurança.

De certa maneira, uma situação semelhante foi vista na calçada seguinte, (Figura 38). Foi realizado um serviço para o preenchimento por cimento de um buraco.

O cimento precisa de um tempo para a realização da cura e assim poder ser pisado, se não for realizada corretamente, além do serviço ficar danificado. Então como um desvio, os trabalhadores, colocaram uma tábua de madeira de obra, caixas de papelão, folhas de plantas, galhos e tijolos para **Sinalizar** o piso.

Figura 38: Atenção no piso.



Fonte: Autora (2024).

Figura 39: Janela quebrada.



A Figura 39 apresenta uma janela da fachada de uma casa abandonada. Essa janela é composta inteiramente de madeira e é do tipo veneziana, possui peças de madeira na horizontal, com determinada inclinação para permitir a ventilação interna. Em uma das folhas da janela, algumas peças estão faltando e como um jogo de tetrís, uma pessoa encaixou duas embalagens de marmitta no lugar. Temporariamente ou não, as embalagens de isopor, destinadas para comida, agora foram desviadas para serem utilizadas como essas peças de janela. Essa foi uma ação de **Responder**, onde as qualidades formais das embalagens e da janela, possibilitaram esse comportamento.

Figura 40: Deslocamento, Adaptação, Extensão e Desvio.



Fonte: Autora (2024).

Em outra imagem, já foram exibidas múltiplas situações de classificações diferentes em uma só imagem, na Figura 40, são apresentadas as quatro. Como deslocamento, a senhora estava sentada no degrau da loja, deslocando sua função. A adaptação está na sacola pendurada na pega de manejo do carrinho de mão, adaptando as funções sem precisar maiores modificações. O nivelador fixado no pé do carrinho e a adição no corpo da máquina de sorvete são extensões dos produtos para aumentar as funções.

Para desvio, são duas situações com caixas de papelão e uma com madeira. Em cima da marquise onde a placa “Fechine 4º Cartório” está fixada, tem uma caixa de papelão dobrada tapando o vão esse e outro elemento de fachada. O usual nessa situação, seria a fixação de um elemento de material ideal para sanar o problema que a pessoa que adicionou o papelão, queria sanar.

Assim como um carrinho de mão, a caixa de papelão em sua forma original, tem a função principal de carregar objetos. Porém, na aplicação da situação da imagem, as caixas de papelão estão dobradas e arranjadas para contenção dos produtos. É um desvio de função para o prolongamento do tamanho do carrinho, permitindo-o carregar mais produtos. Esse prolongamento é estruturado por vários pedaços de madeira descartados, os reaproveitando. Toda essa organização pode ser uma forma de **Adaptar** todo o carrinho para atender às necessidades de venda.

O reaproveitamento de objetos para melhorar ou criar um novo objeto, é uma prática corriqueira, a Figura 41 apresenta mais um exemplo. A situação é uma placa para sinalização de estacionamento, feita com peças de metal, sendo uma delas, uma peça de carro. Ela é composta por uma roda de carro como a base, soldada a mais dois objetos metálicos, para criar a verticalidade e superfície para a mensagem. Toda essa

Figura 41: Sinalização de estacionamento.



Fonte: Autora (2024).

manipulação de objetos é mais uma maneira de **Adaptar** objetos para servir uma função desejada.

Figura 42: Antigo carrinho de supermercado.



Fonte: Autora (2024).

ser carregadas para onde for. O carrinho agora se tornou um guarda-roupas ou guarda-volumes para essa pessoa. Essa situação é um caso de **Adaptar**, no qual ocorreu a mudança do contexto, permitindo as posses da pessoa mover pela cidade junto com ela.

O desvio nem sempre vem da mudança da forma do objeto. No caso da Figura 42, o objeto foi desviado do usual. Embora aparentemente esteja funcionando, o carrinho de supermercado teve seu contexto completamente modificado. Anteriormente, o objeto era utilizado para transportar produtos novos para o caixa de pagamento, agora ele é o único elemento constante na vida da pessoa em situação de rua.

O dono do objeto não possui moradia, tendo poucas posses e todas elas precisam



**Conclusão**

## CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Nesse capítulo estão os resultados da pesquisa que observou as apropriações dos objetos no meio urbano. Aqui, abrange o objetivo da pesquisa como também sua problemática e considerações. Por meio das observações realizadas nesse trabalho, foi visto que ocorrem ressignificações de objetos no centro de Campina Grande. Elas acontecem por meio das apropriações durante os usos desses objetos pelas pessoas, positivando a hipótese da pesquisa.

O objetivo geral era realizar a identificação e classificação das ressignificações que ocorreram por meio das apropriações dos objetos. Esses objetos foram apropriados por pessoas presentes no meio urbano, um trecho do Centro Histórico de Campina Grande.

O primeiro objetivo específico era levantar as características do recorte urbano de estudo por meio dos fatores urbanos e dos objetos que o compõem. Para atender esse objetivo, foram realizadas visitas ao local para obtenção de dados sobre ele; esses dados eram relacionados à composição do espaço, como o uso dos seus lotes, a movimentação de veículos e frequência de pessoas. Com isso, foi possível entender sobre o local e justificativas plausíveis para determinados comportamentos das pessoas no espaço.

Identificar as apropriações dos objetos presentes nesse espaço, era o segundo objetivo específico. Dessa forma, foi estabelecido um cronograma de visitas constantes ao espaço para fotografar tanto os objetos do espaço quanto as pessoas nele, a fim de buscar possíveis situações a serem trabalhadas na pesquisa. Assim, foram separadas as imagens que continham situações de apropriações, com objetos sendo ativamente utilizados ou objetos indicando vestígios de apropriação.

O terceiro objetivo específico era classificar as interações que instauram ressignificações, resultantes das ações e de seus vestígios nos objetos. Esse objetivo foi completado ao utilizar ambas as autoras do referencial teórico para classificar as situações nas quais os objetos foram apropriados e tiveram adição nos seus significados ou alteração deles.

Foi respondida à questão de pesquisa “Quais as ressignificações que se instauram quando as pessoas se apropriam de objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande?” ao atender os objetivos geral e os objetivos específicos por mostrar as apropriações, classificá-las e discutir sobre.

Segundo os resultados da pesquisa e levantamento das situações registradas, os casos de “Deslocamento” são os mais comuns de ocorrerem. É neles que podem acontecer apropriações mais corriqueiras, menos conscientes, e de oportunidade. Desde apoiar-se de objetos e utilizar a sombra de um poste até peças pesadas de portas já escoradas em parede para acorrentar cadeira. Devido à natureza dessas apropriações, elas acontecem por pessoas diferentes em situações diferentes, não observando necessariamente um padrão de público e ações nessa classificação.

As situações classificadas como “Adaptação” e “Extensão”, foram observadas ocorrendo em maior número com vendedores e prestadores de serviços, devido às características do espaço de estudo. Na adaptação, ocorrem adequações mais simples para ajuste ao usuário; enquanto a extensão adiciona elementos para aumentar o número de funções. Essas apropriações são comuns com o público citado porque provavelmente, suposição essa devido ao número de modificações observadas, é difícil para eles encontrarem produtos que atendam boa parte de suas necessidades, tanto por questões funcionais, quanto financeiras. Aqui entra também o fator de individualidade de uso, onde cada vendedor tem suas especificidades. Essas pessoas fazem apropriações de objetos considerando o transporte dos produtos, possível estadia em local, atratividade de pessoas, vendas e a exibição dos produtos.

Como “Desvio”, foram vistas apropriações utilitárias que envolvem o fim do ciclo de vida do objeto, criando novos usos e prolongando sua vida. Alguns casos sendo um reaproveitamento temporário de algo que será destinado a descarte e em outros, uma modificação completa, gerando um novo objeto com um novo ciclo de vida. Comparada com as demais categorias de classificação, essa apresentou uma quantidade menor de apropriações, porém, contém grande relevância no debate de apropriações, devido ao quão distinta pode chegar à função principal do objeto para a função apropriada dele.

A pesquisa trouxe contribuição importante sobre a compreensão das apropriações dos objetos no espaço urbano por meio do levantamento das situações, classificação e debate sobre elas. Assim, os resultados dessa pesquisa podem ter aplicações de cunho teórico e prático, ou seja, oferecendo subsídios para desenvolvimento ou melhoria de produtos que atendam as pessoas que realizam atividades de diversos tipos em espaço urbano. Porém, é importante que, para obter maiores resultados para tais aplicações, é necessário maior tempo e ferramentas de

estudo. Como metodologia, o estudo contribuiu com um levantamento e debate acerca das apropriações, estruturando dados por meio de uma classificação que pode auxiliar no entendimento sobre a relação das pessoas com os objetos no espaço urbano. Embora a pesquisa tenha atingido seus objetivos, é necessária a continuação e ampliação dos estudos.

Como dificuldades e limitações da pesquisa, é possível destacar:

- i. Tempo para o levantamento: é interessante ocorrer durante toda a extensão do ano, pois mudança de clima e eventos fazem as pessoas se comportarem diferentemente;
- ii. Segurança: Devido à grande problemática de assaltos no local, os registros ocorreram andando para evitar a estadia em espaço e não chamar atenção. O horário também foi reduzido, sendo apenas durante o dia e nos momentos de comércio ativo. Se houvesse a segurança para realização da pesquisa, seria possível observar como os objetos são utilizados nas ruas vazias, como, por exemplo, o uso de bancos e outros objetos por pessoas em situação de rua;
- iii. Financeiro: Foi necessário comprar um celular para registro de imagens com alta qualidade que realizasse o recorte para zoom da situação, bem como a foto ter o mínimo de desfoque mesmo com o registro em movimento. Houve também durante meses, despesas para locomoção com distância até o espaço para registro da imagem;
- iv. Dias sem movimento: durante dias em que o centro tinha pouca quantidade de pessoas, foi difícil encontrar apropriações que não fossem as recorrentes;
- v. Uso do espaço: Embora o espaço urbano de uso comercial e serviço possua maior quantidade de apropriações, sendo benéfico para a limitação de tempo dessa pesquisa, o estudo foi limitado a observar apropriações derivadas de usos que não são residenciais;
- vi. Generalização: Os resultados não podem ser generalizados devido ao recorte urbano com determinadas características que destinam as ações das pessoas.

Como sugestões de pesquisas futuras:

- i. Estudo com recortes da cidade que possuam uso do espaço diferentes, podendo aumentar e comparar as apropriações;

- ii. Estudar no contexto de ambulantes e adicionar ao método, a fase de entrevistas. Assim, após a escolha das imagens, poder entrevistá-los e compreender por trás das apropriações;
- iii. Realizar o levantamento por um ano ou mais em objetos fixos no ambiente urbano, observando as distintas maneiras que o objeto pode ser apropriado no decorrer do tempo;
- iv. Selecionar um tipo de objeto em um grande recorte da cidade e observar como o mesmo pode ser apropriado de forma diferente devido à mudança de seu contexto;
- v. Em caso de trabalho com um tipo ambulante que tenha apropriações e comportamentos comuns, envolver uma etapa projetual no método para desenvolver produtos e aplicar os resultados.

# Referências

## REFERÊNCIAS

- ABNT. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020.
- AKRICH, Madeleine. Les utilisateurs, acteurs de l'innovation. **Education Permanente**, [s. l.], v. 134, n. 1, p. 79–90, 1998.
- BELCHIOR, Camilo De Lelis. **Reciclando os sentidos**. 1. ed. Contagem: Ed. do Autor, 2014.
- BELCHIOR, Camilo De Lelis; RIBEIRO, Rita Aparecida Da Conceição. Estruturando uma metodologia para analisar a ressignificação como ferramenta estratégica do design. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, 2017, Minas Gerais. **Blucher Design Proceedings**. Minas Gerais: Editora Blucher, 2017. p. 425–433.
- BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz; DELABRIDA, Zenith; FERREIRA, Karla. Emoções e afetividade ambiental. **Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**, [s. l.], p. 60–70, 2018.
- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blücher, 2011.
- CARDOSO, Rafael. **Design Para um Mundo Complexo**. [S. l.]: Editora LTDA-ME, 2016.
- CARLSON, Cajsa. **Andra Formen makes furniture from discarded electric scooters**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2022/07/19/andra-formen-furniture-accessories-upcycled-electric-scooters/>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- COLLIER, Malcolm. Approaches to analysis in visual anthropology. *In*: VAN LEEUWEN, Theo; JEWITT, Carey (org.). **Handbook of visual analysis**. [S. l.]: SAGE, 2001. p. 35–60.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios, v. 174).
- DENIS, Rafael Cardoso. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Revista Arcos**, [s. l.], v. 1, p. 14–39, 1998.
- FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. 1. ed. São Paulo: Disal, 2004. v. 1
- GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios**. tradução: María Teresa Valcarce. Barcelona: Reverté, 2009.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **How to study public life**. tradução: Karen Ann Steenhard. Washington: Island Press, 2013.

GIBSON, James. **The ecological approach to visual perception: Classic Edition**. Nova Iorque: Psychology Press, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas Sa, 2008.

HASSAN, Zulkarnian *et al.* The Value Of Unintended Human Behaviour In Everyday Product Design. **24th International Conference on Engineering and Product Design Education**, Londres, 2022. p. 6.

HESKETT, John. **Design**. tradução: Márcia Leme. São Paulo: Ática, 2008.

IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário**. [S. l.]: Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2011.

IBGE. **Campina Grande | Panorama**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>. Acesso em: 1 nov. 2023.

IPHAEP. **Delimitação do Centro Histórico de Campina Grande**. João Pessoa: [s. n.], 2004.

KASPER, Christian Pierre. Desviando funções. **Nada**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 72–77, 2005.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua**. 2006. 226 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

KASPER, Christian Pierre. O uso como invenção. **Congresso Internacional De Pesquisa Em Design**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 1–6, 2007.

KRIPPENDORFF, Klaus. **The semantic turn: A new foundation for design**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. [S. l.]: Centauro São Paulo, 2001. v. 5

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial: Bases Para a Configuração dos Produtos Industriais**. tradução: Freddy Van Camp. 1. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre-objeto de trabalho. **Paisagem e ambiente**, [s. l.], n. 21, p. 175–197, 2006.

MANZINI; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. [S. l.: s. n.], 2002. Disponível em: Acesso em: 16 nov. 2023.

MARGOLÍN, Víctor. A experiência com os produtos. *In*: POLÍTICAS DO ARTIFICIAL: ENSAIOS E ESTUDOS SOBRE DESIGN. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 55–80.

MARIGO, Thaís Jahel; BARBOSA, Paula Glória; MOREIRA, Samantha Cidaley De Oliveira. O potencial estratégico do design de ambientes no processo de ressignificação de edificação subutilizada. *In*: 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 2016, Belo Horizonte, Brasil. **Blucher Design Proceedings**. Belo Horizonte, Brasil: Editora Blucher, 2016. p. 4911–4922. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/24658>. Acesso em: 14 nov. 2023.

NORMAN, Donald. Affordance, conventions, and design. **interactions**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 38–43, 1999.

NORMAN, Donald A. **Design for a better world: Meaningful, sustainable, humanity centered**. [S. l.]: MIT Press, 2023.

NORMAN, Donald. **O design do dia a dia**. tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PARAÍBA. **Diário Oficial nº12.668**. João Pessoa: Estado da Paraíba, 2004.

QGIS. **QGIS Geographic Information System**. versão 3.34.5-Prizren. [S. l.]: QGIS Association, 2023. Disponível em: <https://www.qgis.org>.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais**. 2. ed. Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2022.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro; CRESTO, Lindsay. Nós e as Coisas: como ressignificamos os artefatos através do uso. *In*: DESIGN & CONSUMO. Curitiba: Peregrina, 2010. v. 3, p. 115–140.

REAL, Pilar del *et al.* Designing urban furniture through user's appropriation experience: teaching social interaction design. **8th International Conference on Engineering and Product Design Education**, Austria, 2006. p. 1–6.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials**. 4. ed. Londres: SAGE, 2016.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do Método de Pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins**. Curitiba: Insight, 2018.

SEPLAN. **Mapa de Campina Grande, Paraíba**. Campina Grande: SEPLAN, 2010.

SEPLAN; STTP. **Limite municipal, distritos e bairros - Mapa Digital de Campina Grande.** [S. l.], 2021. Disponível em: <https://observa.campinagrande.br/index.php/mapa-digital-da-cidade/>. Acesso em: 5 set. 2024.

SILVA, Mônica Pires da. **Humanização da Cidade: Princípios para Análise e Qualificação de Espaço Urbano.** 1. ed. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

SURI, Jane Fulton. **Thoughtless acts?: observations on intuitive design.** São Francisco: Chronicle Book, 2005.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa.** 2. ed. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2011.

# Apêndice e Anexo

---

## APÊNDICE – CRONOGRAMA

Atividades / Mês	Ano I									Ano II									
	2023									2024									
	Trimestre 2023.1			Trimestre 2023.2			Trimestre 2023.3			Trimestre 2024.1			Trimestre 2024.2			Trimestre 2024.3			
	03 / 06			07 / 09			10 / 12			03 / 06			07 / 09			10 / 12			
Definição do projeto	■	■	■																
Referencial				■	■	■	■	■											
Metodologia e estudo piloto				■	■	■													
Finalização para qualificação							■	■	■										
Entrega para qualificação										■									
Qualificação										■									
Correções											■	■	■						
Coleta de dados											■	■	■	■	■				
Tratamento de dados e redação														■	■	■	■		
Finalização para defesa																	■	■	■

Tempo da execução da atividade

## APÊNDICE – DESLOCAMENTO

Amarrações e carrinho pendurado para transporte.



Fonte: Autora (2024).

“Varal” para toalha.



Fonte: Autora (2024).

Balizador para apoiar e rua de pedestre para estacionar.



Fonte: Autora (2024).

Parede como mural de preços.



Fonte: Autora (2024).

Parede como mural de pichação.



Fonte: Autora (2024).

Poste como paraciclo.



Fonte: Autora (2024).

Poste como totem de propaganda.



Fonte: Autora (2024).

Guarda-corpo como paraciclo.



Fonte: Autora (2024).

Poste como paraciclo e organizador de peças de porta



Fonte: Autora (2024).

Rua de pedestre como estacionamento.



Fonte: Autora (2024).

Anúncios direcionados, organização de peças de portas e estacionamento.



Fonte: Autora (2024).

Anúncio direcionado e mulher sentada em degrau, bandeirola de festa junina de uma fachada para outra.



Fonte: Autora (2024).

Jardineiras como assentos, homem segura bicicleta para segurança de posse.



Fonte: Autora (2024).

Objetos de fachada utilizados para apoio corporal.



Fonte: Autora (2024).

Degraus para mostruário.



Fonte: Autora (2024).

Degrau da fachada como paraciclo e pega de carrinho como assento.



Fonte: Autora (2024).

Poste como proteção de posse.



Fonte: Autora (2024).

Orelhão como paraciclo, senhor sentado em jardineira.



Fonte: Autora (2024).

Gradil / guarda-corpo de delimitação como escora corporal.



Fonte: Autora (2024).

Espaço em fachada para guardar peças de portas.



Fonte: Autora (2024).

Vão em fachada para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Tijolo como nivelador de produtos, caixas de papelão como expositor de loja.



Fonte: Autora (2024).

Gradil como paraciclo.



Fonte: Autora (2024).

Organização das peças de porta de loja.



Fonte: Autora (2024).

Pedras como niveladores de expositores.



Fonte: Autora (2024).

Gradil para exibir cartazes.



Fonte: Autora (2024).

Um nível diferente do olhar para ver se o ônibus está chegando.



Fonte: Autora (2024).

Balde como lixeira.



Fonte: Autora (2024).

Vão entre veículos vira novas vagas.



Fonte: Autora (2024).

Bancos como expositores.



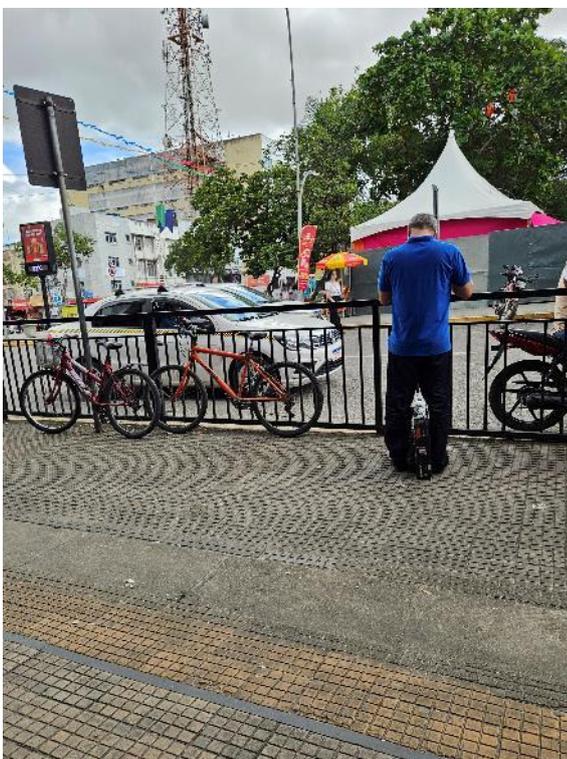
Fonte: Autora (2024).

Mesa como cadeira, apoio de pé para engraxar como banco.



Fonte: Autora (2024).

Gradil como paraciclo.



Fonte: Autora (2024).

Garrafas vazias como mostruário do que é vendido.



Fonte: Autora (2024).

Escadas e níveis como expositores.



Fonte: Autora (2024).

Agrupamento de posses organizadas em maneiras distintas.



Fonte: Autora (2024).

Secador de para-brisa para segurar propagandas.



Fonte: Autora (2024).

Móvel delimitando espaço entre uma loja e outra.



Fonte: Autora (2024).

Móvel impedindo entrada e saída.



Fonte: Autora (2024).



Plástico como guarda-chuva.



Fonte: Autora (2024).

Objeto natural como gancho, um objeto não natural. Apropriação para evento anual.



Fonte: Autora (2024).

Agrupamento de diversos objetos para deslocar função.



Fonte: Autora (2024).

Carro como expositor de vendas.



Fonte: Autora (2024).

Degrau como nivelador, coco como mostruário.



Fonte: Autora (2024).

Poste como lixeira.



Fonte: Autora (2024).

Guarda-corpo como apoio e paraciclo.



Fonte: Autora (2024).

Vão entre postes como lixeira.



Fonte: Autora (2024).

Prato, caixote e carrinho como mostruário. Espaço vazio para organizar peças de portas e guarda corpo como apoio.



Fonte: Autora (2024).

Eletro portando cadeira acima dele, lixeira encaixada em degrau.



Fonte: Autora (2024).

Guarda-chuva para proteção do sol.



Fonte: Autora (2024).

Trilho de portão como apoio de prancheta.



Fonte: Autora (2024).

## APÊNDICE – ADAPTAÇÃO

Carroça adaptada com sacolas.



Fonte: Autora (2024).

Caixote para transporte de moto para estabelecimento.



Fonte: Autora (2024).

Cadeira para deixar produtos a nível na pessoa.



Fonte: Autora (2024).

Papelão para acolchoamento de cadeira.



Fonte: Autora (2024).

Sacola para facilitar usos.



Fonte: Autora (2024).

Banco como mesa para facilitar acesso de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Acolchoamento de banco.



Fonte: Autora (2024).

Bolsa em frente do corpo para proteção de bens e facilitar uso.



Fonte: Autora (2024).

Bicicleta com objetos amarrados para facilitar uso e venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Bancos e caixotes para facilitar acesso dos produtos.



Fonte: Autora (2024).

Caixote para facilitar acesso.



Fonte: Autora (2024).

Transportador de carga associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Transportador de carga associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Transportador de carga associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Transportador de carga associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

## APÊNDICE – EXTENSÃO

Adição de barras e caixas para exibir produtos.



Fonte: Autora (2024).

Adição de barras para vender produtos.



Fonte: Autora (2024).

Cadeira acorrentada a árvore.



Fonte: Autora (2024).

Grade com produtos fixada em coluna.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



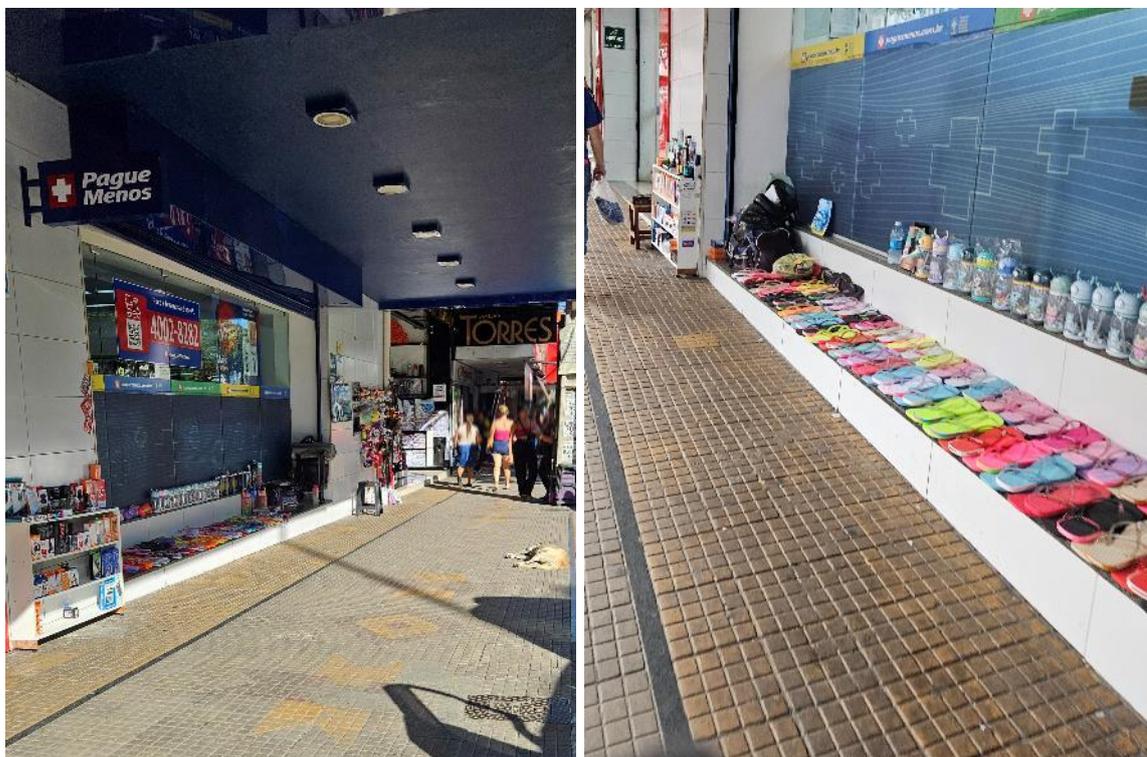
Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda em degraus.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda em degraus e fixado na fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada e carrinho para transporte de carga.



Fonte: Autora (2024).

Alteração no transportador de carga por meio de outros objetos como grades.



Fonte: Autora (2024).

Alteração no transportador de carga por meio de outros objetos como grades.



Fonte: Autora (2024).

Espaço vazio em fachada tem gradil transformado em mostruário de venda.



Fonte: Autora (2024).

Espaço vazio em fachada tem gradil transformado em mostruário de venda.



Fonte: Autora (2024).

Carrinho associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Banco e cone acorrentados a poste.



Fonte: Autora (2024).

Carrinho associado com objetos diferentes para venda de produtos.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para venda fixados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Adicionando guarda-chuva na grade de produtos para proteger da chuva.



Fonte: Autora (2024).

Modificações no carrinho de mão.



Fonte: Autora (2024).

Grade de produtos adicionado ao gradil.



Fonte: Autora (2024).

Objetos ficados em fachada.



Fonte: Autora (2024).

Estendendo a função de carinho para expositor.



Fonte: Autora (2024).

Objetos à venda adicionados na fachada.



Fonte: Autora (2024).

Objetos pendurados em fio amarrado na estrutura da coberta.



Fonte: Autora (2024).

Modificação no carrinho para vendas.



Fonte: Autora (2024).

Modificações em carrinho para vendas.



Fonte: Autora (2024).

Modificações em carrinho para vendas.



Fonte: Autora (2024).

Modificações em carrinho para vendas, garrafas viram cafeteiras penduradas.



Fonte: Autora (2024).

Grade com produtos à venda, anexada a gradil.



Fonte: Autora (2024).

### Modificações em carrinho para vendas.



Fonte: Autora (2024).

### Adições a parede para realização de venda.



Fonte: Autora (2024).

Modificações em carrinho para vendas.



Fonte: Autora (2024).

## APÊNDICE – DESVIO

Revestimento de casa agora cobre um buraco.



Fonte: Autora (2024).

Objetos protegem cimento molhado.



Fonte: Autora (2024).

Paneles como divulgação de conserto.



Fonte: Autora (2024).

Carrinho de supermercado com posses privadas de pessoa em situação de rua.



Fonte: Autora (2024).

Objetos arranjados de tal forma a criar um banco.



Fonte: Autora (2024).

Placa de madeira para cobrir buraco.



Fonte: Autora (2024).

Caixas de papelão com usos desviados.



Fonte: Autora (2024).

Caixa de papelão como tapete.



Fonte: Autora (2024).

Caixas de papelão terão uso desviado.



Fonte: Autora (2024).

Objetos para proteção de piso recém instalado.



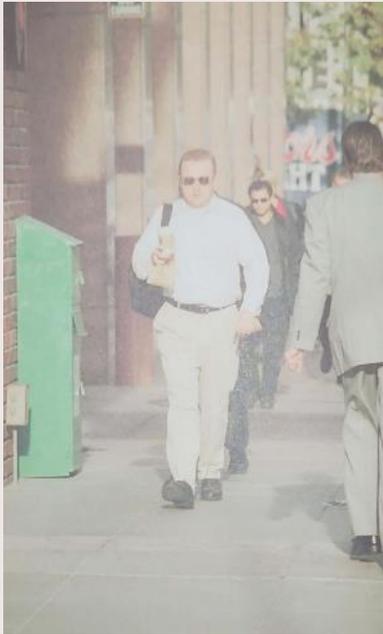
Fonte: Autora (2024).

Carrinho de supermercado com posses privadas de pessoa em situação de rua.



Fonte: Autora (2024).

**ANEXO – CLASSIFICAÇÃO POR SURI (2005)*****Categoria: Reagir***

<b>Ação / vestígio</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Biking line incidental perhaps, both tactile and visual encouragement to stay on track.</p>
	<p>Walking, moving encumbered, often we like to keep a hand free.</p>
	<p>Hands full, some things-here a hot thing-demand to be held in a particular way. Flexibility seems key to convenience.</p>



Cupped hand, reflection avoided. Where else might modulating light and surface play to advantage?



Shared magazine, enjoying private content in public; light and shade can both define space



Bag on laps, in a public space, we integrate valuable items into our own personal space.



Finger in ear, this caller is trying to limit visual and aural distraction in a public setting. Her posture also signals this intent to others, probably encouraging them to keep clear.



Umbrella arm, the classic umbrella builds in options for carrying and slowing. Might other handheld or mobile products emulate this?

Fonte: Suri (2005, p. 10–32)

***Categoria: Responder***

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Hand in flow, checking temperature for tea; immediate and direct feedback is good in all systems, but here it means the added task of drying wet hands.</p>
	<p>Crumble, this action, reducing volume for recycling, is habitual for some people. Is there something enjoyable about it?</p>



Hands span, detailed trend information may be useful, but often simple analog tools provide a more direct way to grasp its meaning.



Cup on cone, complementing shapes. Are the situations that would benefit from such obvious matches for placing things?



Trash in fence, a crumpled bag expands to hold. Are there useful ways to exploit this response to the dynamic behavior of a material?



New car, maybe just bad parking but more likely deliberately out of range of swinging doors. Dows such nonconformist behavior draw attention or signal people to stay clear?



Monkey bar, the door rail evokes an exuberant swing – a great way to stretch after sitting for a long time at a workstation. How might workplaces provide more variety in physical activity for much-needed relief?



Train straps, on an open train two hand straps provide good balance; in a packed train even one might be hard to find. How can interiors flex to accommodate different levels of use?

Fonte: Suri (2005, p. 40–57)

### *Categoria: Associar*

Ação / vestígio	Descrição
A photograph of a person sitting on a suitcase in an airport office or waiting area. The person is looking at a laptop or tablet. The background shows airport signage and other people.	<p>Airport office, this traveler makes his own use of time while he waits. Any considerations here for airport environments and service design or for luggage?</p>
A photograph of a white moped parked outdoors. A black cat is sitting on the seat of the moped. A black basket is attached to the back of the moped.	<p>Moped cat, one solution for multiple stakeholders? Crates do extend capacity, and the cat has found a safe seat in the shade.</p>



Cup in tape, way down there, on the dashboard shelf, is a coffee cup set inside a roll of tape to steady it. Hawk eyes help in observation.



Coffee heater, the radiator is doubling as a hot plate. What other situations might harness incidental heat and light?



Brush and paint, these elements are always used together, but with this classic drippy way to pause the action. A suboptimal but universal system. Should we figure out a better way?



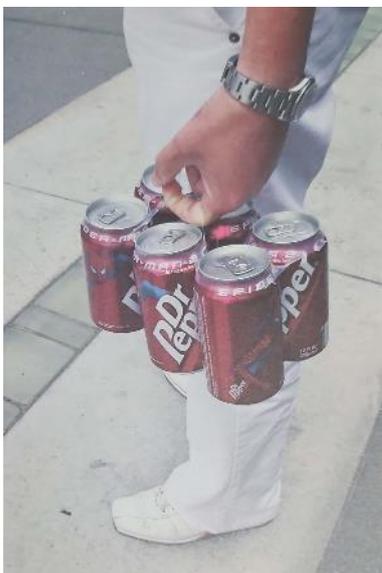
Riding cart, he's outgrown the child seat but still wants the fun of the ride. Can shopping be more convenient and enjoyable for parents as well as entertaining and safe for their children?



Shirt glasses, an active storage mode: something not needed now but maybe soon, so it needs to be handy. Other products might benefit from design consideration for this mode. Mobile phones, cameras?



Shoelace key, some things have to come along on a run, but in this way won't intrude much. Lessons for sports wear, gyms, lock design?



Carrying cans, single items may be designed to be portable; but we need ways to carry multiples, too. This plastic harness wasn't intended as a handle but, till it stretches too much, it works for a while.



Drying rack, free solar power to help in daikon pickling. Can we make more extensive use of the incidental benefits that result from our designs?

Fonte: Suri (2005, p. 62–77)

**Categoria: Explorar**

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Two carts, environmental features act as a successful brake for these carts. When should basic control functions be built in to a product? Should we ever rely on context to provide them?</p>
	<p>Music tunnel, a local amplifier; many activities would benefit from better use of natural resonance and acoustic zoning.</p>



Poster brick, adhesive quality evidently varies across different surfaces.



Butter spatula, here oiling the crepe pan; ingenious combination of separate elements can make a completely new tool.



Butter stick, a truly simple and inexpensive way to build in an adjustable handle



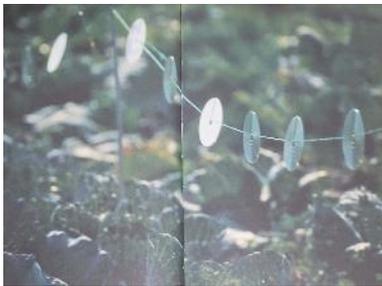
Cab desk, often a space optimized for a single-function must also serve other purposes. Overlaying a few elements can temporarily transform its use and meaning.



Write back, frequently we need only momentary access to things, such as surfaces. How might we design to instantly provide elements as they are needed and remove them as quickly when finished.



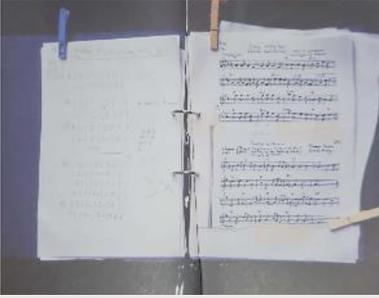
Heat seeking, what other possibilities for such a happy coincidence of physical warmth and affection? In medical examinations or facial treatments perhaps?



Cabbage patch, value is related to need, and free cds have a glinting shine that scares the crows. How could short-lived items deliberately offer more enduring value?

Fonte: Suri (2005, p. 80–99)

*Categoria: Adaptar*

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Cork doorstop, as preceding, but this was at the wine store. Could doorstops be tailored as new forms of identity and expression?</p>
	<p>Pegs hold music, a highly tailored score, and the camp washing line, provided an expedient solution on a windy day. Are the pegs proof of a simple, flexibly useful device, or do they suggest a design opportunity?</p>
	<p>Heads-up map, this navigation display is almost within driving-line-of sight for ready reference. Might this arrangement teach us something about design of better displays in vehicles? In what ways might an electronic version be an improvement?</p>



Scooter, sometimes it takes a really simple addition to create a vastly more useful system; this rider has a convertible now.



Orange packs, not a citrus orchard, but surplus cartons used to force vines. What might be other opportunities for systemic, large-scale reuse?



Shop ceiling, the best-designed information – here, about how to change brake fluid from under a particular truck – is provided just where and when its needed.



Nut napkin, can we deliberately design things to be flexibly fashioned and suit many purposes?



Computer cushion, shoe on door, child-protective adaptations to the home. Are there opportunities to build these in to products and environments?



Kitchen tv, perhaps an accidental discovery, but the bananas vastly improve the signal quality for this set. A contextually appropriate technology?

Fonte: Suri (2005, p. 107–123)

### *Categoria: Conformar*

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Happy birthday, acting in unison: this group has transformed a personal device into a social tool. An ice-cream team behind them.</p>



Common viewpoint, checking the school examination results with her daughter, this mother has stooped slightly to adjust their eye levels. Is the tentativeness, too, underlying their chosen distance from the rope?



Walk in step, friends have hit the same stride. Can rhythm help the feeling and appearance of community?

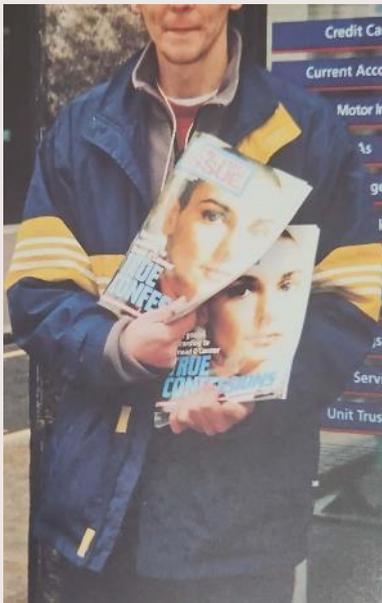


Cups on shelf, litter bins were removed to prevent bombs from being hidden there, but the habit of leaving cups and cans on entering the london underground persists.



Triathlon transition, in competitive sports everyone looks to pick up tricks that maximize efficiency. What might we learn about effective design from extreme performers?

*Categoria: Sinalizar*

Ação / vestígio	Descrição
	<p>Sax case, universally understood, a simple convention that serves to indicate intent, stake out space, invite and collect donations as well as pack up and transport the entire event.</p>
	<p>Vendor billboard, what is involved in inviting people to buy, both clearly and unobtrusively?</p>
	<p>Mail on door, “don’t leave the house without these” gives a reminder right when and where its relevant to the natural sequence of actions. How might other systems reflect this principle?</p>



Coffee dispenser, this one's empty. Status indicators can save disappointment and ideally will prompt a reaction.



Washing machines, open lids show what's available. Like the best systems, this status signal is evident from a distance and invites the appropriate behavior.



Trestle door, access is clearly double blocked, indicating another level, not just closed, but not even open yet today.



Bags on meters, its useful know about the status of all kinds of amenities before committing yourself. Though a discreet "out of order" indicator would serve its purpose well, this conversation is more useful to drivers and meter readers who can read the information from afar.